

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Vivian Gabriela Damasceno Carneiro

**A MULHER DO PASQUIM: representação feminina em suas tirinhas, charges e
cartuns**

Porto Alegre

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Vivian Gabriela Damasceno Carneiro

**A MULHER DO PASQUIM: representação feminina em suas tirinhas, charges e
cartuns**

Monografia de conclusão de Curso
apresentada como requisito para obtenção
de grau de Bacharel em Biblioteconomia
pela Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Lizete Dias de
Oliveira.

Porto Alegre

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Ricardo Schneiders da Silva

Vice-diretora: Regina Helena van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe substituta: Sônia Elisa Caregnato

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Glória Isabel Sattamini Ferreira

Vice-coordenador: Samile Andréa de Souza Vanz

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

C289m Carneiro, Vivian Gabriela Damasceno

A mulher do Pasquim: representação feminina em suas tirinhas, charges e cartuns / Vivian Gabriela Damasceno Carneiro ; orientadora Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira. – Porto Alegre, 2011.

83 f. ; 30 cm.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia, 2011.

1. Histórias em quadrinhos 2. Ditadura 3. Análise de Conteúdo 4. Imprensa alternativa I. Oliveira, Lizete Dias de. II. Título.

CDU – 741.5:070-055.2

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

CEP: 90035-007

Fone: (51) 3308-5143

E-mail: fabico@ufrgs.br

Vivian Gabriela Damasceno Carneiro

**A MULHER DO PASQUIM: representação feminina em suas tirinhas, charges e
cartuns**

Monografia de conclusão de Curso
apresentada como requisito para obtenção
de grau de Bacharel em Biblioteconomia
pela Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Monografia aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Lizete Dias de Oliveira
Doutora em Arqueologia / Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne)
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS

Marlise Maria Giovanaz
Mestre em História /UFRGS
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS

Valdir José Morigi
Doutor em Sociologia/USP
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço minha família. Mãe (Vitória Régia), irmãos (Jaqueline, Tâmara e Júnior) e sobrinhos (Tai e Nico), pelo suporte recebido: amoroso, psicológico e inclusive financeiro. Vocês são o que há de mais precioso na minha vida.

Segundo, agradeço as amizades cultivadas na faculdade: Luízia, Graci, Sabrina, Luana, Cris, Dina, Claudia, Elisete, Kaká e Dai – nossos momentos (passeios, pic-nics e amigos secretos) estão guardados com carinho. À Mariana meu agradecimento especial por ter sido a melhor amiga e companheira que alguém poderia ter, e sendo eu esse alguém, me sinto muito feliz. Agradeço as amizades cultivadas nos locais de estágios: Marisa, Sol, Wando, Laura, Nilza, Ernesto, Ana, Clarisse, Mari, “a outra” Dai, Carla, Andry, Ely, e Luzi - foi ótimo trabalhar ao lado de vocês. À Sanches (querida) meu agradecimento especial pela parceria, carinho e lanches divididos. Sua companhia deixou minhas tardes mais alegres.

Terceiro, agradeço as bibliotecárias com as quais tive o prazer de trabalhar e aprender sobre o mundo biblioteconômico: Rosane Hammel, Suanny Coronel, Magali Godoy, Eloisa Pfitscher, Rejane Klaes, Ida Rossi, Maria da Graça, Silvana Sant’anna. À Magda De Conto meu agradecimento especial por ter sido a minha principal tutora, amiga e incentivadora enquanto aprendiz. Se hoje sou mais segura quanto à minha capacidade profissional foi porque você acreditou em mim desde o início, me ajudando a ser melhor dia após dia.

João Paulo, obrigada por ter reacendido minha vontade de cursar o ensino superior e dado o apoio inicial necessário para que eu conseguisse fazê-lo. Guilherme, meu maior e melhor amigo desde sempre - obrigada por tudo.

Lizete, agradeço o interesse pelas minhas ideias, incentivos, críticas, elogios e sugestões imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho. Trabalhar com você foi mais que prazeroso, foi uma honra.

“Não quero ser célebre nem grande. Quero avançar, mudar, abrir meu espírito e meus olhos, recusar ser rotulada e estereotipada. O que conta é liberar-se por si mesma, descobrir suas próprias dimensões, recusar os entraves”.

Virginia Woolf

“Liberdade - essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”.

Cecília Meireles

RESUMO

O presente trabalho analisa a representação feminina nas histórias em quadrinhos (HQs), tirinhas, charges e cartuns do jornal O Pasquim. Importante meio de comunicação de massa, disseminadoras de informações e idéias, as HQs, da forma como se conhece hoje, nasceram em um jornal norte-americano em 1895. Sofreram adaptações e evoluíram ao longo de sua trajetória. As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela eclosão de diversos movimentos sociais e culturais ao redor do mundo, como o feminismo, que é salientado neste estudo. No cenário brasileiro via-se a instauração de uma ditadura militar, arbitrária e autoritária. Sob o domínio da censura, a imprensa agonizava amordaçada, foi dessa forma que surgiu a chamada imprensa alternativa, nanica ou *underground*. Nesse meio surge o Pasquim, jornal de proposta libertária e “sem papas na língua”. Famoso pelo teor cômico despendido nas entrevistas, reportagens e HQs, foi um dos poucos periódicos sobreviventes à censura política. Tinha em seu enalço uma legião de ávidos leitores, formada inclusive por artistas da época. As edições do jornal, referentes aos anos de 1969-1970, 1984-1985, e 1988-1989 foram fotografadas formando o corpus do estudo. A análise destas imagens seguiu critérios da técnica de pesquisa Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Através da análise de frequência, aplicada aos fatores observados nas imagens, obteve-se como resultado o destaque de três representações femininas estereotipadas: a boazuda, a esposa e a vovó.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Ditadura. Análise de Conteúdo. Representação Feminina. Imprensa Alternativa.

ABSTRACT

This paper examines the representation of women in comics, comic strips, cartoons and newspaper cartoons from Pasquim. Important means of mass communication, disseminators of information and ideas, comics, the way we know today were born in a U.S. newspaper in 1895. Have been adapted and evolved throughout his trajectory. The 1960s and 1970s were marked by the emergence of various social and cultural movements around the world, such as feminism, which is emphasized in this study. In the Brazilian scenario could see the establishment of a military dictatorship, arbitrary and authoritarian. Under the rule of censorship, the press muzzled dying, that's how the so-called alternative press emerged, midget or underground. In between comes the Pasquim, and libertarian newspaper proposed "outspoken." famous for comedic content spent on interviews, articles and comics, was one of the few journals that survived the political censorship. He was on his heels a legion of avid readers, made even by artists of the time. The issues of the journal, for the years 1969-1970, 1984-1985, and 1988-1989 were photographed forming the corpus of the study. The analysis of these images followed the criteria of technical research Content Analysis of Laurence Bardin. By analyzing the frequency applied to the factors observed in images obtained as a result the highlight of three representations of women: a hot woman, wife and grandmother.

Keywords: Comics. Dictatorship. Content Analysis. Female Representation. Alternative Press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- M. Vieuxbois	18
Figura 2 - <i>Yellow Kid</i>	19
Figura 3 – Peanuts	22
Figura 4 – Mafalda	22
Figura 5 - A Turma da Mônica	24
Figura 6 - Quadrinho simples	26
Figura 7 - Quadrinho em formato de círculo	26
Figura 8 - Balão de fala	28
Figura 9 - Balão de pensamento	28
Figura 10 – Censura	29
Figura 11 – Onomatopeia	30
Figura 12 – Legenda	30
Figura 13 – Bunda	65
Figura 14 – Nudez	65
Figura 15 – Sexo	66
Figura 16 – Decote	66
Figura 17 – Fala	69
Figura 18 - A boazuda morena	72
Figura 19 - A boazuda loira	72
Figura 20 - A esposa humilde	73
Figura 21 - A esposa frustrada	74
Figura 22 - A esposa agredida	75
Figura 23 - A vovó	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Presença de mulheres	59
Gráfico 2 - Presença de homens	59
Gráfico 3 - Indumentária feminina	60
Gráfico 4 - Acessórios	61
Gráfico 5 - Mulher	62
Gráfico 6 - Cabelo	62
Gráfico 7 - Objetos/Cena doméstica	63
Gráfico 8 - Sem censura	64
Gráfico 9 - A voz da mulher pasquiniana	67
Gráfico 10 - Estereótipos	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Presença de homens e mulheres	57
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	16
2.1	A história das histórias em quadrinhos	17
2.2	A estrutura das histórias em quadrinhos	25
2.2.1	O quadrinho	25
2.2.2	O balão	27
2.2.3	Outros recursos de linguagem	28
3	A IMPRENSA	32
3.1	A imprensa no Brasil	35
3.2	A ditadura e a imprensa alternativa no Brasil	38
3.3	O Pasquim	42
4	METODOLOGIA	51
5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	55
5.1	Fatores: identificando as variáveis	55
5.1.1	Categorias: organizando as variáveis	56
5.1.2	Cores: colorindo a tabela	56
5.2	Elas e eles nas histórias em quadrinhos	58
5.3	Com que roupa, e acessórios, eu vou?	60
5.4	Mulher, mulher	61
5.5	Cenários	62
5.6	Sem censura e sem vergonha	63
5.7	Com a palavra, a mulher do Pasquim	67
5.8	Encontrada a mulher do Pasquim	70
5.8.1	A boazuda	71
5.8.2	A esposa	73
5.8.3	A vovó	76
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A – Tabela em cores	82
	APÊNDICE B – <i>Corpus</i> do estudo	83

1 INTRODUÇÃO

A época é de ditadura, a imprensa brasileira passa por um momento delicado frente à censura dos militares que governam o país. O período que vai de 1964 a 1985 caracteriza-se pela falta de democracia, pela supressão dos direitos constitucionais e pela perseguição política daqueles que se manifestassem contrários ao regime militar. Com a edição do Ato Institucional nº 5 em 1968 deu-se início ao período mais duro e arbitrário do regime militar, dando fim aos direitos dos cidadãos e depositando poderes extraordinários nas mãos do presidente da República, nesse momento o general Artur da Costa e Silva.

Este ano foi um divisor de águas na história, em várias partes do mundo iniciou-se um processo de transformações e contestações, denominado '1968'. Acontecimentos como a Guerra Fria, o movimento negro de luta por direitos civis e constitucionais nos Estados Unidos, a luta por igualdade social e econômica na América Latina, refletiram a insatisfação e indignação popular. Houve uma onda de insubmissão, caracterizadas por protestos e mobilizações civis, onde operários, estudantes, e mulheres saíam às ruas em luta pelos seus direitos. (MACHADO, 2009). O próprio movimento feminista começava a aparecer no Brasil, vindo a ter maior visibilidade na década de 1970, quando o mercado de trabalho e o sistema educacional expandiram-se, gerando um processo de modernização no país. Para as mulheres, ainda que superficialmente, abriam-se novas possibilidades.

A ditadura trouxe para o cenário cultural e social a censura, que impunha uma série de regras a serem seguidas nas artes, cinema, música e imprensa. Diante de tanta repressão à imprensa, poucos jornais sobreviveram. Para se ter uma idéia do tamanho desta repressão, durante os anos de ditadura nasceram e morreram cerca de 150 periódicos no país. (KUCINSKI, 2001). Foi sob a censura que se expandiu a chamada imprensa alternativa ou nanica, na qual jornalistas, intelectuais e políticos da oposição se juntavam para criticar o abuso de poder dos militares.

Foi neste cenário, a partir de conversas informais em mesas de bar no Rio de Janeiro, que um grupo de amigos se juntou para criar o que seria o maior e mais subversivo jornal alternativo do país: O Pasquim. O semanário surgido em 1969, inicialmente não tinha na política um tema principal, falava-se de música, mulher, cinema, teatro e futebol. Com o passar do tempo, porém, seus redatores foram ficando mais críticos e viram no jornal um veículo para disseminação de revoltas

próprias e indignações populares, tudo de forma implícita, ou quase. Quase, porque por muitas vezes o jornal causou incômodos ao governo ditador, vindo a sofrer atentados à bomba, e até mesmo a prisão de toda a redação.

A maior característica do Pasquim sempre foi o humor, este podia ser visto nas entrevistas em tons informais com artistas de renome, e pelas histórias em quadrinhos desenhadas por Jaguar, Ziraldo, Henfil, entre outros. O destaque nos desenhos fica por parte das charges políticas que satirizavam o governo vigente.

Somados o talento humorístico e jornalístico de seus redatores, a crítica de costumes, a presença contínua de artistas nas entrevistas e a proposta de uma nova linguagem, mais simples e mais clara, o Pasquim tinha tudo pra dar certo, e deu. Até sucumbir às crises políticas, administrativas e financeiras, deixando o cenário jornalístico nacional em 1991.

Este estudo faz um recorte do discurso do Pasquim, analisando a representação feminina nas histórias em quadrinhos do jornal, em uma leitura diacrônica sobre as imagens em três momentos: as que foram veiculadas no período inicial (1969-1970), contrastando com os movimentos sociais que eclodiam no país; o período intermediário (1984-1985), que coincide com o final da ditadura; e o término do jornal em 1991, porém por falta dessas edições finais do jornal, as edições analisadas foram 1988-1989. Em uma primeira leitura do Pasquim, surgiu a hipótese de que há um estereótipo feminino no discurso pasquiniano, em virtude da constante exposição sexual da mulher, por meio de perguntas instigantes feitas às entrevistadas, uso de fotografias e imagens apelativas de nudez feminina, e ainda o humor depreciativo das histórias em quadrinhos.

O *corpus* do estudo é formado por histórias em quadrinhos que apresentam a figura feminina. Nesse sentido buscou-se entender as mensagens disseminadas por meio das tirinhas, charges e cartuns, observando o explícito e interpretando o implícito nas imagens. As informações contidas nas imagens foram inseridas em uma tabela para tratamento de dados e posterior análise.

A partir da análise e inferência sobre os resultados, interpretações foram tecidas a fim de saber se a hipótese inicial do estudo se confirma, fazendo registrar-se que representação feminina foi feita nos períodos estudados. O embasamento teórico utilizado para o desenvolvimento do estudo compreende a retrospectiva histórica das histórias em quadrinhos, da ditadura e imprensa no país, além da trajetória do jornal estudado. Metodologicamente o estudo é embasado nas obras

Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e Comunicação de Massa: análise de conteúdo de Albert Kientz.

O interesse pessoal pelo estudo deu-se muito cedo, em virtude do carinho nutrido pelas histórias em quadrinhos, e a crença depositada nelas como sendo um forte disseminador de ideologias e costumes. Desde sempre percebeu-se nas histórias em quadrinhos uma representação depreciativa da figura feminina, e uma constante veiculação de estereótipos.

Observa-se ao longo da trajetória política nacional a pequena visibilidade quanto a atuação feminina, sendo elas meros coadjuvantes na história que ajudaram a construir. Passado mais de três décadas da eclosão do movimento feminista no país, ainda se fala em igualdade de sexos a partir de mudanças em alguns âmbitos da sociedade, principalmente o trabalhista. Porém as mudanças são, em muito, meras ostentações, pois no que concerne a igualdade ainda há muito que mudar. Diante de uma sociedade preconceituosa, machista e arraigada em falsa moral, deseja-se não a igualdade dos sexos, mas sim a igualdade dos seres. Começando pela equiparação dos salários. Homens e mulheres, recebendo aquilo que lhes é justo, independente do sexo.

O objetivo geral deste estudo é analisar a representação da mulher nas histórias em quadrinhos do Pasquim, para isso alguns objetivos específicos foram traçados, são eles: identificar e registrar digitalmente as edições do jornal que apresentam mulheres nas HQs; organizar um acervo das HQs do jornal em suporte digital; observar as informações veiculadas nas HQs sobre mulheres; e por fim, analisar as informações contidas nas HQs sobre mulheres. Portanto, a importância do estudo reside, além da própria originalidade do tema e da metodologia adaptada, trazer à tona um apanhado de importantes fatos históricos, fragmentos do movimento feminista no país, e mostrar que tipo de representação feminina foi feita pelo maior jornal alternativo do país. Pretende-se aqui mostrar quais informações sobre a mulher foram veiculadas através das histórias em quadrinhos no Pasquim. Boa leitura.

2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Histórias em quadrinhos (HQs) é arte. Quem afirma isso é Eisner (2001), definindo-as como sendo uma arte sequencial. Existem algumas definições para HQs, o denominador comum entre elas é a que afirma ser uma história contada por meio de uma sucessão de imagens justapostas. Esta história, geralmente traçada em quadros (daí o termo em quadrinhos), pode ou não conter signos linguísticos. Assim sendo, as HQs são formadas, basicamente, por “dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita”. (LUYTEN, 1985, p. 11).

As HQs da forma que se conhece atualmente nasceram nas empresas jornalísticas norte-americanas no final do século XIX, como um produto com raízes e disseminação populares. Segundo Anselmo (1975) desde o início as HQs têm características de veículo de comunicação de massa, pois assim como o cinema, rádio e televisão mediam informação de forma rápida e atingem um grande e heterogêneo grupo de pessoas. Possuem uma linguagem quase universal, capaz de sobrepor barreiras como costumes, religião e até mesmo a própria língua, uma vez que não necessita de signos linguísticos para expressar mensagens, vindo a ser consideradas por Moya (1986), a forma de comunicação mais instantânea e internacional de todas as formas modernas de contato entre os homens do nosso século.

Os quadrinhos difundiram-se pelo mundo e em cada lugar receberam uma denominação diferente. Nos Estados Unidos, berço das HQs modernas, é chamado de *strip comics* (tirinhas), ou simplesmente *comics*, devido o seu conteúdo humorístico e caricaturesco inicial, características que se mantêm até os tempos atuais na maioria das HQs (para as revistas se adota o termo *Comic Books*). Na França o termo usado é *bandes dessinées* (bandas desenhadas). Na Itália *fumetti* (fumacinhas), em virtude dos balões de falas saídos das bocas dos personagens. Na Espanha e no Brasil ocorreram fatos semelhantes que originaram os termos que designariam as HQs, ambos os países possuíram revistas que de tão famosas emprestaram seus títulos aos quadrinhos, são elas *Tabaré* e *Gibi*, respectivamente. Na América Espanhola usa-se *historieta*, em Portugal temos as *histórias aos quadrinhos*, e por fim, e não menos importante temos o *mangá* no Japão.

2.1 A história das histórias em quadrinhos

Segundo autores como Silva (1976) e Gaiarsa (1970), para traçar os primórdios das HQs é necessário remontar-se ao período antecessor a escrita, até os homens das cavernas. Ainda na pré-história o homem já registrava desenhos que representavam sua existência, seu dia-a-dia, repleto de animais selvagens e perigos iminentes.

Estes desenhos eram narrativas de uma ou mais histórias, uma sequência de imagens, que foram imprescindíveis para que se pudesse estudar as civilizações antigas. Já nesse tempo o homem desenvolvia sua capacidade criadora através da imagem, permitindo, assim, o conhecimento de suas peculiaridades culturais por meio de seus registros iconográficos.

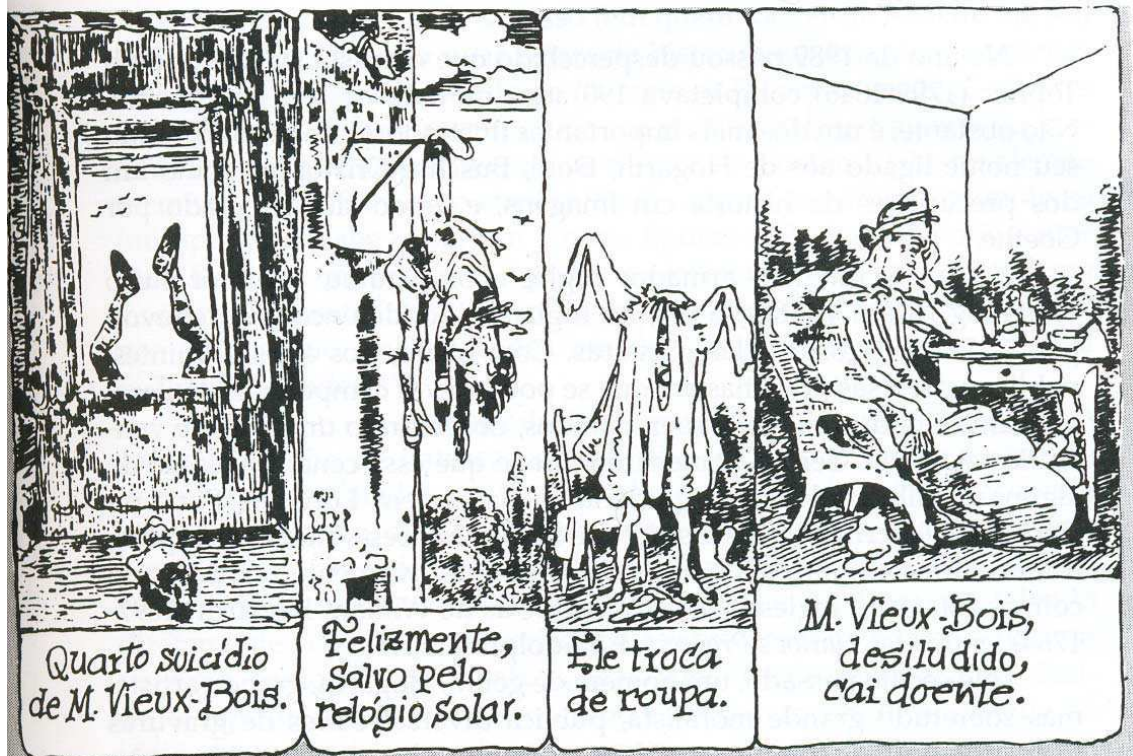
Posteriormente os egípcios, com seus hieróglifos, gravaram sobre os túmulos dos reis as outras vidas dos faraós desaparecidos, os quais, segundo Gaiarsa (1970) teriam sido um dos primeiros tipos de história em quadrinhos que a humanidade conheceu. Anselmo (1975) identifica na coluna de Trajano, e também em outros monumentos egípcios, histórias em quadrinhos em espiral.

Na tentativa de buscar os antecedentes das HQs, a narrativa ilustrada e em sequência, da epopéia dos cavaleiros normandos na conquista da Inglaterra, uma obra de 70 metros, datada do século XI e produzida na Tapeçaria de Bayeux, é considerada a maior HQ do mundo. (ANSELMO, 1975). Assim, as HQs não estariam presas ou fixas a um determinado tipo de suporte, como o papel, por exemplo.

Embora as HQs tenham origens em tempos bastante remotos, é apenas no final do século XIX que elas surgem da forma similar a que é hoje conhecida. É importante destacar algumas dessas aparições, como a de Rodolphe Töpffer (1799-1846), que foi um dos primeiros na Europa a utilizar imagens e palavras de forma interdependente. Suas histórias fantasiosas como *As aventuras do Sr. Vieuxbois* (figura 1) chegaram a receber elogios de Goethe¹.

¹ Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), escritor e pensador alemão, dizia que necessitava ler devagar as HQs de Töpffer para não ter uma 'indigestão de idéias'. (MOYA, 1986, p. 11).

Figura 1 - M. Vieuxbois



Fonte: Moya, 1986, p. 11.

Já William Busch (1832-1908) artista e humorista alemão, ilustrava os próprios poemas satíricos ou moralistas, com seu humor “pesado e feroz” (ANSELMO, 1975, p. 43), teve como o trabalho mais conhecido a história de *Max und Motitz*, tanto que foi traduzida no Brasil por Olavo Bilac sob o título de *Juca e Chico*, as aventuras dos dois garotos fez tanto sucesso no país que se chegou a pensar que eram nacionais. E por falar em Brasil, o desenhista italiano Angelo Agostini, lança aqui em 1869 sua primeira história com personagem fixo: *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à corte*. Em 1905 surge a primeira revista em quadrinhos brasileira *O Tico-Tico*, com a colaboração de Agostini em seu logo.

Apesar da existência de algumas HQs anteriores, os pesquisadores concedem a uma tirinha (comic strips) norte-americana criada pelo artista Richard Outcault em 1895 (figura 2) o título de precursora das HQs modernas. A tirinha em questão nasceu em meio a um conflito de dois magnatas da imprensa sensacionalista nova-iorquina: Joseph Pulitzer, proprietário do jornal *World* e William Hearst, proprietário do jornal *Morning Journal*. No meio da disputa capitalista pela vendagem de exemplares, Outcault cria uma série de personagens que passam a ser publicados semanalmente no jornal de Pulitzer. A série intitulava-se *Down*

Hogan's Alley e narrava as aventuras dos moradores de um cortiço em Nova Iorque, cujo personagem principal era um garoto orelhudo, calvo com feições simiescas vestido num camisolão amarelo - *Yellow Kid* - como foi chamado pelos leitores. O camisolão do personagem trazia propagandas panfletárias e por um tempo ajudou a alavancar a venda de exemplares, mas segundo Moya (1986) logo depois o maior concorrente do jornal, Hearst, vê nas HQs de Outcault uma oportunidade de salvar seu jornal da decadência, então prepara seu talão de cheques e toma o artista de seu arquiinimigo.

Figura 2 - *Yellow Kid*



Fonte: OUTCAULT, Richard Felton. The Yellow Kid takes a hand at golf. *New York Journal*. Nova Iorque, 24 out. 1897. Disponível em: <<http://cartoons.osu.edu/yellowkid/1897/october/1897-10-24.jpg>>. Acesso em: 2 jun. 2011.

Segundo Moya (1986), além de Outcault, o *Morning Journal* contratou outro desenhista talentoso, Rudolph Dirks, criador de dois garotos malandros e revoltados: *The Katzenjammer Kids* (Os Sobrinhos do Capitão, ou Hans e Fritz), a criação que teve início em 1897 é publicada até hoje. Sendo a HQ com maior tempo de veiculação.

Cabe ressaltar que é justo conceder os créditos da criação da HQ moderna a Outcault, pois foi o criador do primeiro personagem semanal, em cores e inseriu os

famosos balões de falas nas sequencias de imagens, além de contribuir através de suas tirinhas com a divulgação da arte. Neste momento passa a ser comum os jornais apresentarem suplementos dominicais repletos de tirinhas, em geral de cunho humorístico ou político. Uma tirinha que merece destaque neste início são as de Winsor McCay: *Little Nemo in the Slumberland* (1905), segundo Moya (1986) é um dos pontos mais altos da arte dos quadrinhos, apresentava os mais deslumbrantes e surreais sonhos de um menino, que sempre era acordado pela mãe no último quadrinho da história.

O surgimento das tirinhas coincide com a explosão da imprensa norte-americana, e através dos *Syndicates* (agências que até hoje são responsáveis pela distribuição de materiais de entretenimento para os jornais) são divulgadas pelo mundo. Logo elas ganham maior espaço nas páginas dos jornais, deixam os suplementos dominicais e passam a ilustrar as páginas diariamente. Desta forma as HQs ganham maior visibilidade, e com a ajuda da imprensa jornalística passam ao contato de um número expressivo de pessoas, neste momento vemos a HQs tornarem-se um meio de comunicação de massa.

Após este período inicial de adaptação das HQs, no qual temos a expressão do talento e originalidade dos desenhistas inovadores, começa um período que é considerado de explosão das HQs, tanto em gênero como em personagens: a década de 1930. Cabe destacar o homem da selva, *Tarzan*, desenhado por Harold Foster; o famoso camundongo e ícone de Walt Disney, *Mickey Mouse*, é introduzido nos quadrinhos; o honesto herói de aventuras policiais *Dick Tracy*, de Chester Gould; *Flash Gordon* de Alex Raymond, que segundo Anselmo (1975) é o mais completo de todos os grandes criadores de HQ; o mágico *Mandrake*, de Lee Falk e Phil Davis; Jerry Siegel e Joe Schuster criam o tão conhecido *Super-Homem*, dotado de poderes sobrenaturais e sua visão de raio-x, fez tanto sucesso que proporcionou o aparecimento de uma legião de super-heróis; *Pato Donald*, o pato mal humorado de Walt Disney também vai para os quadrinhos; Bob Kane cria o famoso homem morcego, *Batman*, sempre ao lado de seu fiel escudeiro *Robin*, o quadrinho causa alvoroço nos Estados Unidos.

Passado o apogeu das HQs temos uma fase crítica, o período que vai de 1940 a 1948. As HQs sofrem prejuízos com a Segunda Guerra Mundial e alguns problemas como falta de papel e tinta, proibição das HQs norte-americanas em países inimigos como Itália e França, foram fatores desencadeadores da crise. Os

desenhistas passam a utilizar seus personagens e histórias como propaganda política, e os super-heróis 'entram' na guerra. O maior exemplo disto é a criação de Joe Simon e Jack Kirby, o *Capitão América*, que surge num momento de ultrapatriotismo em prol dos aliados na Segunda Guerra. Foi também neste período que surgiu a maior heroína feminina das HQs, a *Mulher-Maravilha*, criada em 1942 (ano em que os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial) pelo psicólogo *William Moulton Marston*, a personagem transmitia a mensagem de que as mulheres deveriam descobrir seu potencial e coragem, acreditando em si mesmas, a fim de lutarem pelos seus ideais. (CARVALHO JÚNIOR, 2002).

Após o obstáculo da guerra as HQs ainda sofreriam com o desprestígio atribuído por psicólogos, psiquiatras e educadores, que viam nos quadrinhos uma perda de tempo e de atenção para os jovens. Segundo estes profissionais, os quadrinhos eram causadores de preguiça mental, não tinham estilo ou moral, além da redução de vocabulário em virtude de sua linguagem grosseira e monossilábica. Esses pensamentos culminaram na publicação da obra *The seduction of the innocent* (A sedução dos inocentes) em 1954, na qual o psiquiatra Frederic Wertham aponta de forma exagerada e abusiva as HQs como a fonte de todos os problemas americanos. (ANSELMO, 1975).

No período de 1950 a 1970 temos dois momentos diferentes nas HQs, de um lado o surgimento dos quadrinhos considerados intelectuais e de outro os *undergrounds*. Nos ditos intelectuais Charles Schultz cria a HQ mais comentada nos Estados Unidos (EUA), os *Peanuts* (figura 3). Considerado o 'Freud' dos quadrinhos, mostra um universo infantil com personagens neuróticos e frustrados. Jamais um adulto apareceu nas tirinhas, o mundo criado por Schultz é exclusivamente das crianças. Seu personagem principal, *Charlie Brown*, não consegue de forma alguma empinar uma pipa, chutar uma bola ou vencer uma partida de *baseball*, representando o fracasso norte-americano. (MOYA, 1986).

Figura 3 - Peanuts



Fonte: SCHULZ, Charles M. **Peanuts**. Disponível em:

<http://i44.photobucket.com/albums/f29/tiras_snoopy/peanuts262.jpg>. Acesso em: 2 jun. de 2011.

Criada inicialmente para uma agência de publicidade com o objetivo de promover produtos eletrodomésticos, outra HQs que surge na mesma linha, com personagens infantis e de cunho intelectual é *Mafalda* (figura 4) do argentino Quino (Joaquim Lavados). A menina aparece em 1964, tem apenas seis anos de idade, protesta contra a guerra, preconceitos e injustiças sociais. Odeia sopa e adora os *Beatles*. Através de *Mafalda*, Quino contestava a conjuntura social, econômica e política, não apenas na Argentina, mas a nível mundial. (MACHADO, 2009).

Figura 4 - Mafalda



Fonte: LAVADOS, Joaquim. **Mafalda**. Disponível em:

<<http://cronicasurbanas.files.wordpress.com/2009/06/mafalda-brincando-de-governo.jpg?w=510&h=153>>. Acesso em: 2 jun. 2011.

Numa tentativa de contestar os valores tradicionais impostos pela sociedade, de acordo com Luyten (1985), surgiram os quadrinhos *undergrounds*, em meio a movimentos estudantis nas ruas e universidades, e protestos contra a Guerra do Vietnã. Temos como exemplos do gênero a revista *Mad* de Harvey Kurtzman e William Gaines, que satirava o estilo norte-americano de viver. O artista Robert Crumb foi um dos pioneiros no movimento de introdução de sexo e drogas nos quadrinhos, suas revistinhas beiravam a pornografia e criticavam abertamente o *american way life*.

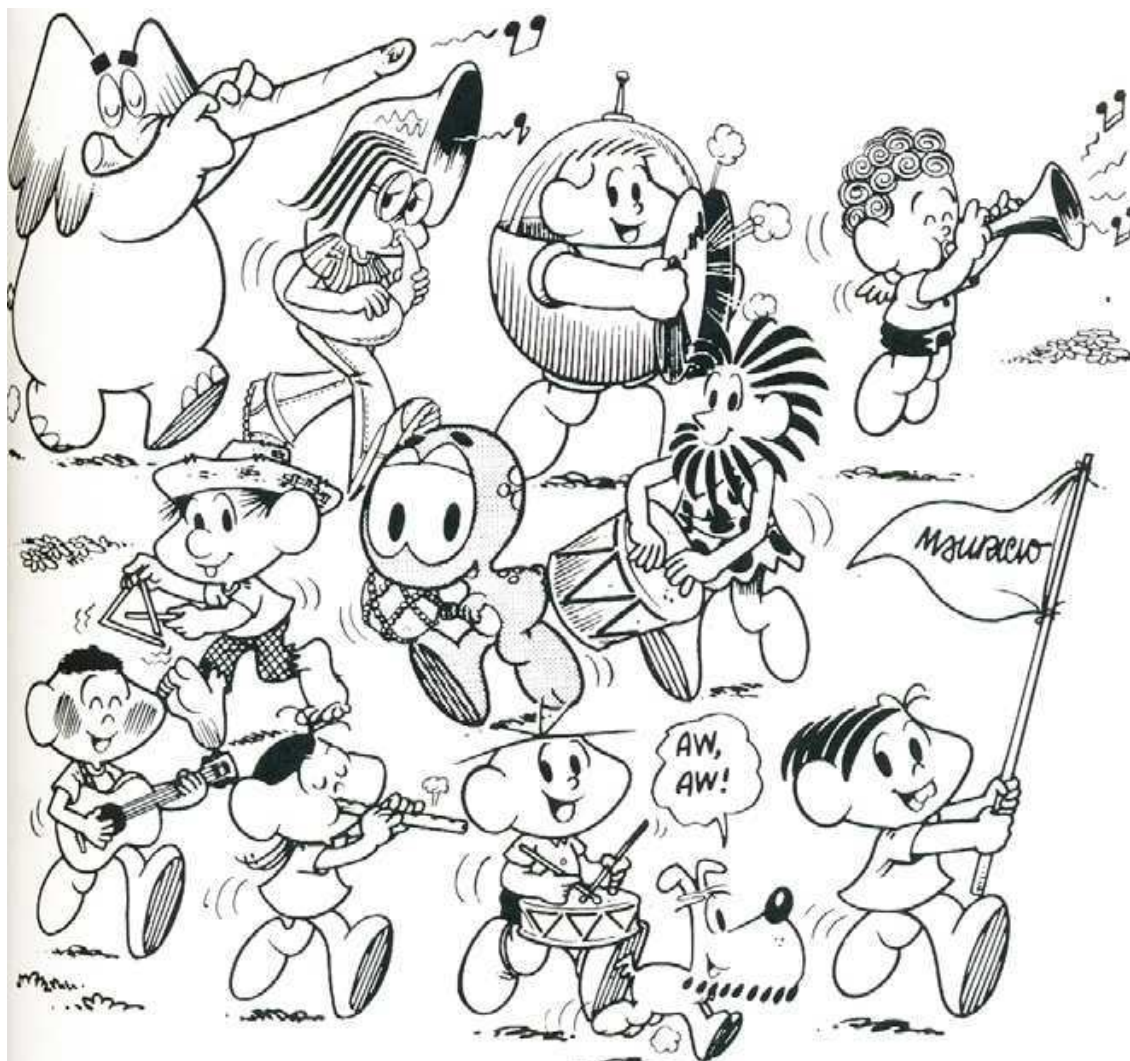
No Brasil não foi diferente, enquanto diversos movimentos estudantis também ocorreriam, o regime militar controlava a informação que era veiculada através da

censura imposta aos veículos de comunicação. O movimento chamado *udi-grudi* surge nos quadrinhos brasileiros. Os quadrinhos marginais, muitos deles lançados nos meio universitários, faziam crítica à situação sócio-econômica do país, porém as revistas duravam pouco tempo devido às dificuldades de publicação e a falta de qualquer expectativa profissional ou respaldo legal para com os artistas. Foi então que os quadrinhos locomoveram-se para outro espaço artístico: a charge, que segundo Teixeira (2001) diferentemente das HQs, são inspiradas em sujeitos reais e têm na política e manifestações sociais a base para seus traços satíricos.

Outra forma de apresentação das HQs que foi bastante usada neste período é o cartum. É quando, segundo McCloud (1995), as imagens ganham caráter icônico, os traços são usados de forma a suprimir detalhes, simplificando para amplificar a idéia que se deseja passar. Chega-se aqui ao objeto de estudo deste trabalho, pois é neste período que surge nas bancas um jornalzinho diferente do tradicional e com conteúdo ainda menos tradicional: O Pasquim, que através de suas charges, cartuns e HQs desenhadas por Jaguar, Henfil, Ziraldo e outros, provocaram uma reviravolta no jornalismo e humor brasileiro.

Longe de contestações políticas Maurício de Sousa cria o mais conhecido personagem dos quadrinhos brasileiros. Baixinha, gordinha, dentuça e briguenta ela nunca se separa de seu coelhinho *Sanção*. De acordo com Mendes (1999), *Mônica* surge num momento de emancipação feminina no país, refletindo um pouco as transformações ocorridas, como, por exemplo, o fato da mulher sair de casa em busca de trabalho. A criação foi criticada severamente por Cirne (1982), chegando a afirmar que a obra de Maurício era mera reduplicação dos *comics* infantis estrangeiros. Enfim, *Mônica* chega em 1963 para fazer companhia a outros personagens já existentes de Maurício como *Franjinha*, *Cebolinha*, *Titi* e *Jeremias*. Outros personagens foram surgindo e fizeram parte do maior fenômeno brasileiro do gênero: *A Turma da Mônica* (figura 5), vindo a ser a primeira tirinha publicada pelo jornal A Folha de São Paulo.

Figura 5 - A Turma da Mônica



Fonte: MOYA, 1986, p. 204.

Na década de 1980 as HQs estão mais popularizadas e se apresentam como *graphic novels* (romance gráfico), que é uma espécie de romance em quadrinhos, no qual as histórias são contadas em um único volume. Estas obras se apresentam de forma semelhante a livros e passam a ser publicadas por grandes editoras. Segundo Wolk (2007) esta forma de apresentação permitiu um novo direcionamento aos quadrinhos, deixando de lado algumas características que se voltavam para o público infantil, propondo novas abordagens e temáticas.

Como foi visto as HQs surgiram em tempos remotos, podendo ser observadas ainda na arte rupestre. Presenciaram guerras, sofreram censuras, preconceitos e crises. Atualmente ganharam mais crédito, são vistas com mais respeito por profissionais da educação, inclusive. Um exemplo disso é o uso das HQs em livros

didáticos em salas de aulas, a transformação de obras literárias clássicas em quadrinhos, a febre cinematográfica de super-heróis e sua guarda em instituições como bibliotecas e museus.

2.2 A estrutura das histórias em quadrinhos

As HQs são constituídas por uma série de elementos. Tais elementos estão mais relacionados à criatividade do artista do que propriamente a uma estrutura padrão prévia. Os elementos que compõem uma HQ são de extrema importância e interferem em sua leitura. A seguir alguns dos elementos mais característicos.

2.2.1 O quadrinho

O enquadramento é usado para conter a visão do leitor, já que o limite da visão periférica do olho humano está diretamente relacionado ao quadrinho usado pelo artista, logo o quadro é uma espécie de delimitação de leitura da narrativa sequencial.

Segundo Eisner (2001) o quadrinho, também chamado de requadro ou vinheta, é utilizado para expressar a passagem de tempo nas HQs, este enquadramento de imagens móveis serve de contenção para idéias, ações, lugares ou locação. O autor afirma que o quadro também possui uma finalidade narrativa, e até quando ausente há um significado que o artista deixa subentendido ao leitor, nesse caso ele é atemporal, ou seja, com espaço ilimitado.

Existem variações de quadrinhos, por exemplo, os quadros retangulares delimitados por linhas retas e firmes (os quadrinhos simples, ver figura 6), ou em forma de círculo (como na figura 7), e ainda com contorno pontilhado em forma de nuvens dando a idéia de sonho ou de uma narrativa retrospectiva do personagem. Segundo Cagnin (1975), quando o artista deseja dar destaque a uma determinada imagem, surge em meio aos quadros um com traçado diferente dos demais.

Figura 6 - Quadrinho simples



Fonte: Thompson, Craig. **Retalhos**. Disponível em: <
<http://www.editoracasa21.com.br/quintofiq/6fiq/wp-content/uploads/2009/09/retalhos-4-1024x507.jpg>>.
 Acesso em: 2 jun. 2011.

Figura 7 - Quadrinho em formato de círculo



Fonte: Lavados, Joaquim. **Mafalda**. Disponível em: <
http://www.clublancita.mil.co/tools/microThumb.php?src=recursos_user/imagenes//lancitas/d_ninos/princ10.jpg&w=357>. Acesso em: 2 jun. 2011.

O quadrinho é mais comumente visto nas tirinhas de jornais do que nas revistas. Isso por se tratar de um formato padrão de apresentação em jornais.

2.2.2 O balão

Ainda que a imagem seja predominante nas HQs, vez ou outra elas vêm acompanhadas do texto, o elemento linguístico que completa a dupla de signos gráficos fundamentais à sua formação.

Entende-se por imagem a representação imito-figurativa de algo, como uma cópia, tendo a possibilidade de formar um código e construir mensagens ganha o *status* de signo. Outra denominação de signo é ícone, que segundo Peirce (1972 *apud* CAGNIN, 1975, p. 32)² é “um signo que se oferece ao objeto que denota simplesmente por força de caracteres próprios e que ele possuiria, da mesma forma, existisse ou não existisse efetivamente um objeto daquele tipo”, ou seja, será um ícone de algo quando for semelhante ou usado em lugar dele.

Algumas imagens são polissêmicas, gerando angústia e interrogação no leitor. Em virtude disso surge a necessidade de desvendar o sentido denotativo da imagem, a palavra realiza essa função auxiliando na interpretação da leitura. Cagnin (1975, p. 120) afirma ainda que “os diálogos não são mera representação mimética do ato da fala, mas fazem caminhar a ação, emprestando à imagem os significados que ela não pode ter”. Existem várias formas para apresentação da linguagem escrita nas HQs, como os balões, a legenda, o título e as figuras componentes do quadro.

O balão apareceu pela primeira vez nas HQs de Outcault (*Yellow Kid*). Por indicar falas, diálogos, o balão traz consigo informações e qualidades dos personagens, conseqüentemente carrega os muitos sentimentos envolvidos na narrativa, como sono, raiva, amor, alegria, tristeza, etc., para isso o contorno do balão além de delimitar o discurso serve como indicador dessas emoções.

Possui inúmeras formas, sendo a mais comum a que se aproxima de um círculo, com um apêndice em forma de flecha voltado para a boca do personagem falante (este é o balão de fala, figura 8) e o balão com contorno irregular, ondulado ou quebrado com apêndice formado por bolinhas ou nuvenzinhas saindo do alto da cabeça do personagem, representando o pensamento (figura 9).

Além das emoções citadas, o balão também pode representar um grito ou raiva tendo as extremidades dos arcos voltados para dentro, simulando uma

² PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

explosão; medo, quando apresenta suas extremidades trêmulas; frieza ou desprezo quando suas extremidades lembram o derretimento de gelo; cochicho quando seu contorno aparece pontilhado; e a mudez ou falta de palavras, representada por um balão vazio, onde apenas o grafismo é suficiente para estruturar o acontecimento. Como se pôde ver a capacidade expressiva dos balões é imensa, através deles o artista compartilha uma série de sentimentos, ao leitor proporciona uma linguagem rica e a possibilidade do entendimento completo da narrativa.

Figura 8 - Balão de fala



Fonte: Lavados, Joaquim. **Mafalda**. Disponível em: <http://jornale.com.br/esquadrinhando/wp-content/uploads/2009/03/frase_mafalda-225x300.jpg>. Acesso em: 2 jun. 2011.

Figura 9 - Balão de pensamento



Fonte: SIGNORINI, 1985, p. 21.

2.2.3 Outros recursos de linguagem

Além dos balões e dos próprios quadrinhos, há outros elementos que podem e são usados para expressar informações e/ou sentimentos nas HQs. O elemento linguístico, a palavra, sofre alterações na forma de apresentação a fim de demonstrar algum fato importante na narrativa. Um exemplo disso são as palavras escritas em fonte maior para demonstrar emoção ou trêmulas dando a ideia de medo do personagem. Símbolos também são usados dentro ou fora dos balões em determinadas situações, como no caso de uma lâmpada sugerindo uma ideia ou

caveiras e cobras representando palavras censuradas como em um xingamento (figura 10).

Figura 10 - Censura



Fonte: SOUSA, Maurício. **A Turma da Mônica**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/aulas/9706/imagens/tic_tac_parte_26.jpg>. Acesso em: 2 jun. 2011.

Nas onomatopeias (figura 11), da mesma forma que os balões, torna-se possível a inclusão de sons nas HQs, como quando numa explosão temos o *boom*, o *tic-tac* indica a presença de um relógio, o *bang* que vem do disparo do revólver e o *ding-dong* da campainha sendo tocada. Muitas onomatopeias são provenientes da língua inglesa em virtude da influência das HQs norte-americanas, justificando a presença de alguns de seus verbos para enfatizar ações como beijar representado por *smack (to smack)*, cheirar ou fungar por *sniff-sniff (to sniff)*, espirrar água por *splash (to splash)*, quebrar por *crack (to crack)*, e espatifar por *crash (to crash)*.

Figura 11 - Onomatopeia



Fonte: UDERZO, Albert. **Asterix**. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_oGJ-WV2gfSY/SuonuRfo5JI/AAAAAAAAALo4/FXsh6fY-fMQ/s320/asterixsocaromano+%28Small%29.jpg>. Acesso em: 2 jun. 2011.

A legenda (figura 12) é outro elemento usado nas HQs para inserção de signos linguísticos. Tem a função de trazer a voz do narrador para a história e se apresenta de forma diversa, porém é mais frequente como um pequeno fragmento na faixa limitada por uma linha paralela a um dos lados do quadrinho, tanto na parte superior quanto na inferior. De acordo com Cagnin (1975) as palavras usadas normalmente são grifadas de forma simples, sem qualquer destaque, a fim de expressar apenas a voz impassível do narrador.

Figura 12 - Legenda



Fonte: AMADO, Nuno Bongop. SANTOS, Daniel Pereira dos. **DxD8**. Disponível em: <<http://ds.art.br/wp-content/ds.art.br/img/7h1u8tsej96cnfz4o52gqi3xpra0dbvml.jpg>>. Acesso em: 2 jun. 2011.

Como observado, as HQs possuem vários elementos expressivos além das imagens, que constituem sua linguagem. Uma linguagem simples e ao mesmo tempo complexa, tanto pela semiologia característica quanto pelo discurso particular

dos artistas. É através da utilização desses elementos, tanto em parte como no todo, que forma-se a comunicação mais universal existente – as HQs.

3 A IMPRENSA

A imprensa para chegar à forma como é conhecida hoje, passou por inúmeras transformações. Martins (2002) aponta como precursoras da imprensa diversas técnicas de impressão na pele humana, na madeira, nos tecidos e em metais. O mesmo mostra que o uso de caracteres móveis antecede a imprensa, sabe-se que técnicas tipográficas eram praticadas na China desde o século II da nossa era. Aliás, os chineses estavam culturalmente muito à frente da Europa, sua escrita surgira muitos séculos antes, criaram o papel e já faziam uso da imprensa. Porém convencionou-se como data de surgimento da imprensa o ano de 1455, quando o alemão Johann Gutenberg imprimiu sua famosa bíblia de 42 linhas, aperfeiçoando as técnicas de impressão chinesas e possibilitando uma produção em maior escala. Steinberg (1963, p. 24) afirma que a contribuição de Gutenberg foi ter lançado o germe da “moderna publicidade impressa, que se baseia na produção massiva de material idêntico e na livre combinação de tipos, em uma quase infinita variedade de composição”. Enfim, as modificações de Gutenberg foram revolucionárias, espalhando-se rapidamente pela Europa e demais localidades.

Segundo Melo (2003) o surgimento da imprensa acontece junto a algumas transformações na sociedade no final da Idade Média, como o desenvolvimento do comércio interno e aparecimento das indústrias, renascimento e expansão da vida urbana, criação das universidades e formação de uma nova elite intelectual. Isso tudo advindo do declínio do feudalismo que propiciou o nascimento de novas cidades e dos primeiros núcleos industriais.

A história da imprensa está diretamente relacionada a dos livros, uma vez que, com o surgimento das universidades cresce a produção dos livros manuscritos. A procura por esses livros cresce de tal maneira que os copistas não conseguem atender as solicitações, com isso o livro manuscrito torna-se um produto raro, de preço elevado e bastante disputado por colecionadores e estudantes.

Melo (2003) afirma que a imprensa surge nesse contexto com a pretensão de atender as necessidades crescentes de produção de livros, a fim de satisfazer as solicitações da elite intelectual influenciada pelas universidades e pelo movimento renascentista.

As práticas de impressão também serviram como suporte para o desenvolvimento das atividades da nascente burguesia comercial e industrial, já que

a imprensa era usada para a produção de letras de câmbio, recibos, contratos, modelos contábeis, tabelas de preços, guias para recolhimento de impostos, editais, proclamações, avisos, formulários entre outros. A imprensa também atendeu aos interesses da Igreja, reproduzindo imagens de santos, orações, indulgências, bulas papais e outros instrumentos da liturgia cristã, com o intuito de fomentar a religiosidade popular.

O livro perde o aspecto sagrado que possuía na época dos monges copistas, o conhecimento não está mais restrito a uma pequena parcela da população. Melo (2003) indica que a maior disseminação do conhecimento acarretou na necessidade popular de obtenção de informação, esta também passa a acompanhar os acontecimentos da sociedade, buscando manter-se atualizada. Temos neste momento o surgimento da chamada imprensa periódica, impressões de conteúdo literário e jornalístico, deixando um pouco de lado o cunho artístico.

Nesse período o uso da imprensa era restrito a um pequeno grupo de pessoas – a elite intelectual, em virtude do poder econômico que possuíam e por saberem ler, posto que poucas pessoas na época eram alfabetizadas. Sobre esta elite intelectual e seu contexto:

À medida que a sociedade evolui, o homem começa a manipular os instrumentos da sua cultura e procura analisá-la, refleti-la, transformá-la. Desenvolve-se, então, a atividade intelectual e surgem as elites culturais (clero, escritores, artistas, cientistas) que buscam com maior interesse registrar os produtos das suas criações. Tal período coincide com a intensificação do próprio desenvolvimento da sociedade, e a elite procura explicar os fatores desse progresso, criando novos bens culturais. (MELO, 2003, p. 32).

De acordo com Melo (2003) as publicações periódicas subsistem até o século XVII, ou seja, ainda não têm a mesma circulação que os livros, nem seu público. Isso por dois motivos: o alto custo para impressão e a necessidade de licença oficial para a impressão, observa-se já nessa época a instalação da censura. Levaria mais de um século para que o jornalismo surgisse através de seu principal veículo, o jornal. No século XV surgem algumas formas embrionárias deste veículo, sob a forma de folhetos impressos que eram lançados quando ocorria algum fato de grande repercussão, como um rei que sobe ao trono, companhias militares ou a passagem de um cometa. Esses folhetos eram comercializados em feiras pelos

mesmos comerciantes de livros e não eram exatamente uma compilação de notícias, pois traziam informações acerca de um único acontecimento.

Considerando a imprensa como um bem cultural criado pelo homem, Melo (2003) aponta três fenômenos impulsionados por ela:

- a) Nacionalismo: consolidou-se como um movimento resultante da afirmação das línguas regionais e da centralização do poder buscado pelos monarcas.
- b) Individualismo: fenômeno social com suas raízes no mecanismo da economia monetária. O individualismo rompeu as tradições corporativistas da Idade Média (anterior ligação com o feudalismo). No plano cultural, a imprensa liberta o indivíduo do coletivismo que estava ligado à cultura manuscrita.
- c) Espírito de crítica: com a ampla difusão de conhecimento proporcionada pela imprensa, o público passa a ter acesso a obras até então inacessíveis, enfraquecendo a posição da Igreja como instituição normativa do comportamento intelectual, fazendo surgir o espírito de crítica e de livre exame.

O racionalismo decorrente desses fenômenos fomentou o espírito de pesquisa e levou o homem à dúvida e contestação, a partir do conhecimento adquirido este passa a observar a sociedade na qual se insere, entende o poder que possui enquanto conhecedor das coisas. Sendo assim, pode-se afirmar que a imprensa estimulou o livre pensamento.

Porém, o entusiasmo inicial com que a imprensa foi recebida pelos detentores do poder, diminuiu imediatamente por causa das consequências advindas da disseminação de idéias e conhecimentos. Não há tolerância por parte da Igreja, tampouco pelos governantes civis, e estes passam a ter um controle rigoroso da expansão da imprensa, em concomitância a imprensa entra em decadência em toda Europa nos séculos XI e XII.

No século XIII na Inglaterra ocorre a abolição da censura prévia, mas a liberdade de imprensa só se consolida no fim do século com a Revolução Francesa. Pouco a pouco a imprensa foi se tornando uma imprensa de massas, sendo mais

significativa essa condição no século XIX, com o aumento das tiragens de livro, revistas e principalmente dos jornais diários.

3.1 A imprensa no Brasil

Diferentemente de seus vizinhos da América, a imprensa tardou a chegar ao Brasil, que não possuiu palavra impressa até 1808, data de chegada da família real ao país. Autores como Sodré (1999), Lustosa (2004) e Melo (2003) apontam uma série de fatores que contribuíram para esse retardamento, dentre eles destacam-se a natureza feitorial da colonização, a predominância do analfabetismo, a ausência de urbanização, fábricas e universidades, a baixa atividade comercial e a própria censura portuguesa.

Antes da chegada da família real portuguesa em solo brasileiro, algumas tentativas frustradas de implantação da imprensa no período colonial foram executadas, como pelos holandeses no Recife em 1642. Porém, o nascimento da imprensa brasileira deu-se apenas com a vinda da corte do rei Dom João VI ao Rio de Janeiro. Uma vinda forçada em virtude da ocupação francesa em Portugal, e que ocasionou inúmeras mudanças na estrutura social e econômica da colônia americana.

A fim de suprir necessidades administrativas, burocráticas e para a normalização de atividades da Coroa, por meio de um decreto datado de 13 de maio de 1808 é legalizada a abertura de uma oficina de impressão, onde seria impresso toda a legislação vigente e papéis diplomáticos relacionados ao Real Serviço. É a inauguração da Imprensa Régia no país.

É neste momento de súbito progresso e transformações provocadas pela presença do rei e de sua Corte, que surge o primeiro jornal no Brasil - O Correio Braziliense. De publicação mensal, sua primeira edição data de 1 de junho de 1808. Seu fundador, Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça, nasceu na Colônia de Sacramento, na Cisplatina (parte do Brasil que posteriormente formou o Uruguai). Hipólito se graduou em Portugal, vivendo a maior parte de sua vida na Inglaterra, onde se dedicou a publicação de um jornal para o Brasil.

O jornal lembrava a forma física de um livro, contendo longos e densos artigos que se prolongavam por vários números seguidos. Seu conteúdo era crítico, com idéias liberais, abolicionistas e defensoras da monarquia constitucional. Os

assuntos eram divididos em sessões como: política, comércio, Artes, Literatura, Ciências e miscelânea; distribuído em cerca de 100 páginas. Segundo Lustosa (2004) seu valor era alto, não sendo possível um grande número de pessoas que o pudesse adquirir, por isso era comum uma pessoa lê-lo em voz alta para outras ouvirem suas notícias.

Apesar de não ser publicado no país, as notícias que o jornal trazia eram as mais atualizadas que se poderia ler por aqui, pois continha informações do que estava ocorrendo pelo mundo e notícias que o jornalista colhia de gazetas internacionais. O jornal deixou de existir no ano em que foi proclamada a nossa independência (1822) com o total de 175 números editados, e ainda que produzido na Inglaterra, o Correio Braziliense é considerado o primeiro jornal brasileiro.

Sodré (1999) afirma que o nascimento da imprensa no Brasil fora impulsionado pelo capitalismo, em sua própria história segue o desenvolvimento da sociedade capitalista, e propõe uma cronologia de sua trajetória quanto ao caráter empresarial. Essa cronologia está dividida em três fases, são elas:

- a) Primeira fase: no Império (1822) a gestão da imprensa sofre modificações, mas os veículos de comunicação são comandados por amigos do imperador, não existindo lugar para a imprensa de oposição. Durante as Regências (1831-1840) a imprensa se constitui como formuladora de projetos de nação. Apesar dos órgãos de imprensa serem controlados pela burguesia, não descartavam a particularidade do povo em revoltas contra o poder. Na República essa essência é mudada, e vemos nessa época uma guinada da imprensa em empresas jornalísticas, uma contradição entre seu comportamento e sua essência real. Idolatrias e xingamentos conviviam tranquilamente com estruturas empresariais modernas, e logo o poder público percebeu a necessidade de sustentar as empresas, comprando a opinião da imprensa. Dessa forma o jornal é menos livre quanto é a empresa e a liberdade de imprensa seria condicionada pelo capital.
- b) Segunda fase: com o Segundo Império surgem os primeiros jornais de oposição. De caráter abolicionista e republicano, esses possuem nítida intenção ideológica e não financeira. Por décadas a luta política foi o motor dos jornais e com a transformação desses em negócio, seus donos passam a

adotar métodos racionais de distribuição e gerenciamento. As novas edições passam a ser difundidas rapidamente a fim de manter o leitor informado. É o declínio da doutrinação em prol da informação, o ideal de que o jornal tinha a nobre missão de informar o leitor com a verdade dos fatos.

- c) Terceira fase: o jornal se torna mais um problema de dinheiro do que de credo político: é a transição do artesanal para o industrial. Estamos em 1920 e assistimos a imprensa tornar-se indústria, o jornalismo literário ser substituído pelo empresarial. Nessa fase um jornal moderno era aquele que destacava as notícias informativas, relegando a opinião a um segundo plano. A venda de anúncios ainda era baixa, o que implicava na dependência da imprensa, e muito, das benesses públicas. Segundo o autor é na década de 1930 que a imprensa estandariza sua linguagem, destacando na construção da sua auto-imagem a retórica da imparcialidade, o que reforça sua imagem de independência. Porém com o Estado Novo getulista o Estado ganha a exclusividade da divulgação e o público é afastado dos periódicos, fazendo com que em meados dessa década, ele esteja ausente das publicações. Em 1950, o jornalismo ganha *status* de neutralidade se firmando ao discurso fidedigno dos fatos, passando a ser local de difusão de idéias.

Nos anos de censura da ditadura militar a imprensa não encontra muita resposta do público, tendo mais sucesso empresarial o jornal que melhor servir às elites políticas. Os jornais passarão por inúmeras mudanças, especialmente a partir de 1980 quando saem de cena várias décadas de política. Os editoriais de economia ganham proeminência e se tornam o maior número de publicações. O gênero investigativo também se consoma, sendo adotado um modelo objetivo, imparcial e neutro nas reportagens. Passado o tempo de debate em torno de polêmicas políticas é necessário outro espaço para discussão e insere-se no jornalismo a denúncia, relacionada a condições de vida de trabalhadores ou questões ambientais, por exemplo. Não há a necessidade de evidências reais ou fatos concretos, basta a denúncia dramatizada.

3.2 A ditadura e a imprensa alternativa no Brasil

Também chamada de nanica, a imprensa alternativa, segundo Kucinski (2001) possuía quatro significados: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e por fim o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de serem protagonistas das transformações sociais que pregavam. A imprensa alternativa denunciava as violações aos direitos humanos feitas pela ditadura enquanto criticava o modelo econômico vigente. Segundo Queiroz (2004, p. 231) a imprensa alternativa apresentava nas estruturas de poder uma forte inspiração gramsciana³, entendendo os jornais como entidades autônomas, seu maior objetivo era contribuir para a formação de uma “consciência crítica nacional”, Gramsci via na educação um aparelho de hegemonia cultural, fundamental no processo de transformação social, seus pensamentos estavam veiculados à construção de uma nova mentalidade, de uma nova educação, de uma nova cultura e de um novo homem. Alguns jornais, como o Pasquim, tinham forte referência ao existencialismo de Jean-Paul Sartre⁴, o anarquismo e as religiões orientais, estes abordavam o autoritarismo pela ótica da crítica dos costumes e do moralismo da classe média.

Para que se entenda melhor como se instalou a ditadura, é necessário voltar ao ponto inicial de como tudo começou, ou seja, a situação política que o Brasil sustentava anteriormente até o famoso golpe que instituiu o governo ditador. O país passava por uma forte crise política que vinha desde a renúncia de Jânio Quadros em 1961, que foi sucedido pelo vice João Goulart (Jango). No governo de Jango houve um grande aumento das lutas populares,

Estudantes, artistas e numerosos setores das classes médias urbanas vão engrossando as lutas por modificações nacionalistas, por uma nova estrutura educacional, pela Reforma Agrária e pela contenção da remessa de lucros. Também no âmbito parlamentar, estrutura-se uma frente nacionalista que faz crescer a pressão no sentido de reformas. (BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p. 58).

³ Filosofia baseada nos pensamentos de Antonio Gramsci (1891-1937), cientista político e escritor italiano.

⁴ Jean-Paul Sartre (1905-1980), filósofo, escritor e crítico francês.

Esta abertura às organizações sociais era vista com preocupação pelas classes conservadoras como a Igreja Católica, banqueiros, empresários e militares que temiam o socialismo inserido no país. A elevada inflação e instabilidade política favoreciam a pregação da direita para com a classe média, o problema da balança comercial se agravava, logo os generais dispostos a derrubar Jango tiveram o empurrão de que necessitavam: a disposição norte-americana em ajudá-los.

O ápice da crise se deu em 1964, quando o movimento pelas reformas havia penetrado também nas bases militares. Quando em um comício no Rio de Janeiro na presença de seu ministério e governadores, que aclamavam algumas das Reformas de Base que foram ali assinadas, duzentas mil pessoas assistiam a tentativa de Jango de frear o que já vinha sendo planejado, o golpe dos militares. Parte da classe média e importantes setores dos trabalhadores rurais e urbanos estavam contaminados pela propaganda anticomunista, que foi veiculada com dinheiro norte-americano pelo Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática (UDN) e a Igreja Católica, todos amparados pela grande imprensa. Aqueles contrários ao governo saem às ruas, multidões de pessoas, o que ficou conhecido como “marchas da família, com Deus, pela liberdade”. (BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p. 59).

Segundo Kucinski (2001) o estopim se dá após o levante dos marinheiros e fuzileiros navais reunidos no sindicato dos Metalúrgicos. Em 1 de abril de 1964 tem-se vitoriosa a ação golpista e o Brasil se encontra em nova fase, de profundas transformações. Arquivam-se as propostas nacionalistas de desenvolvimento através das Reformas de Base e tropas militares saem às ruas. Jango preocupado com uma possível guerra civil se refugia no Uruguai.

Esse é o início da ditadura militar, que teve como primeiro líder político o general Castello Branco. Prometendo democracia, mas mantendo uma posição autoritária ao estabelecer as eleições indiretas para presidente, dissolver os partidos políticos, cassar vários parlamentares estaduais e suprimir vários direitos políticos e constitucionais dos cidadãos.

Eleito de forma indireta pelo Congresso Nacional, o general Costa e Silva fica no poder de 1967 a 1969. Seu governo foi marcado por diversos protestos e manifestações sociais, como o da UNE (União Nacional dos Estudantes), organizou no Rio de Janeiro, a Passeata dos Cem Mil, e a greve de vários operários em Contagem (MG) e Osasco (SP), que paralisou fábricas em protesto ao regime militar.

Jovens idealistas de esquerda deram início a uma guerrilha urbana, assaltando bancos e sequestrando embaixadores a fim de obter fundos para o movimento de oposição armada.

Em decorrência dessa ameaça esquerdista, o governo decreta em 13 de dezembro de 1968 o Ato Institucional Número 5 (AI-5), marcando a fase mais dura do governo militar, aposentando juizes, cassando mandados e instalando a repressão militar e policial. O AI-5 foi o marco divisório na história da censura no país, o que teve seu reflexo na imprensa, protegendo os interesses do poder, interferindo na divulgação de informações e determinando o que podia ou não ser veiculado.

Após o AI-5 a censura foi imposta a livros e periódicos, não se permitia qualquer forma de contestação ao regime vigente, notícias sensacionalistas que prejudicassem a imagem do país, campanha de descrédito da política habitacional, do mercado de capitais de outros assuntos relacionados à política do Estado, notícias com relatos detalhados e instrutivos de assaltos a estabelecimentos de crédito e comerciais, relatos de tensões entre a Igreja Católica e o Estado, críticas aos governadores estaduais, procurando evidenciar o desacerto da escolha pelo governo federal e a exaltação da imoralidade, com notícias sobre homossexuais, prostituição e tóxicos.

O general Costa e Silva adoece e uma junta militar é formada pelos ministros Aurélio de Lira Tavares (Exército), Augusto Rademaker (Marinha) e Márcio de Sousa e Melo (Aeronáutica), a fim de governar o país. Esta fica no poder apenas por alguns meses sendo substituída ainda em 1969 pelo general Emílio Garrastazu Médici.

O governo de Médici foi considerado o mais duro e repressivo de todos, ficando conhecido como 'anos de chumbo'. O período foi marcado pela repressão à luta armada e severa política de censura. A censura foi imposta à jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística. Professores, políticos, músicos, artistas e escritores são investigados, presos, torturados ou exilados do país. O DOI-Codi (Destacamento de Operações e Informações e ao Centro de Operações de Defesa Interna) atua como centro de investigação e repressão do governo militar.

Segundo Schulz (1996) neste momento o governo realiza uma forte campanha de enaltecimento do regime nos meios de comunicação de massa, fazendo uso de *slogans* como: 'Ninguém segura esse país', 'Brasil, ame ou deixe-o',

e 'Este é um país que vai pra frente'. Qualquer informação referente às ações repressivas que o governo vinha fazendo era vetada, o que mantinha a população desinformada e apática frente aos acontecimentos.

É durante esse momento mais caótico e repressivo no país que surgem os maiores jornais alternativos. A imprensa alternativa aparece com os principais objetivos de criticar o modelo econômico e político dos governos, combater de forma ideológica a ditadura, lutar por mudanças estruturais, criticar o capitalismo e o imperialismo criando um espaço público alternativo para a veiculação de notícias a fim de suprir essa desinformação do povo.

Os periódicos que mais se destacaram durante a repressão foram: *O Movimento*, *Versus*, *Opinião*, *Coojornal*, *Ex*. e *O Pasquim*. Muitos jornais nasceram e morreram durante a ditadura. Algumas redações foram fechadas, seus redatores foram presos, levando cerca de 150 periódicos ao fim.

O apogeu da imprensa alternativa foi entre 1975 e 1977, coincidindo com o governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), que assumiu a presidência durante um lento processo de transição rumo à democracia. Seu governo coincide com o fim do milagre econômico e com a insatisfação popular em altas taxas. A crise do petróleo e a recessão mundial interferem na economia brasileira justo no momento em que os créditos e empréstimos internacionais diminuem. Geisel anuncia a abertura política lenta, gradual e segura. A oposição política começa a ganhar espaço. Em 1978, Geisel acaba com o AI-5, restaura o *habeas-corpus* e abre caminho para a volta da democracia no Brasil.

O país inicia o processo de redemocratização durante o governo do general João Baptista Figueiredo (1979-1985), estes serão os últimos anos da ditadura no país. Durante seu governo Figueiredo decreta a Lei da Anistia, permitindo que políticos, artistas e demais brasileiros exilados e condenados por crimes políticos possam retornar ao Brasil. Porém os militares de linha dura continuam com a repressão clandestina e ações como a colocação de cartas-bomba em órgãos da imprensa são realizadas. No dia 30 de Abril de 1981, uma bomba explode durante um show no centro de convenções do Rio Centro. Embora sem provas, acredita-se que o atentado fora promovido por estes militares, provavelmente descontentes com o rumo democrático que o país estava tomando.

Em 1979 é aprovada uma lei que restabelece o pluripartidarismo no país, permitindo que partidos voltem a funcionar dentro da normalidade. A ARENA muda o

nome e passa a ser PDS, enquanto o MDB passa a ser PMDB. Outros partidos são criados, como: Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Em 1984, políticos de oposição, artistas, jogadores de futebol e milhões de brasileiros participam do movimento das 'Diretas Já', que era favorável à aprovação da Emenda Dante de Oliveira, esta garantiria eleições diretas para presidente naquele ano. Mas, para decepção do povo, a emenda não foi aprovada pela Câmara dos Deputados.

O Colégio Eleitoral escolhe em 15 de janeiro de 1985 o deputado Tancredo Neves, que concorreu com Paulo Maluf à presidente da República. Porém Tancredo adoece, vindo a falecer antes de assumir. José Sarney, o vice-presidente, assume o cargo. É o fim do regime militar no país.

Em 1988 é aprovada uma nova Constituição, que tenta apagar os vestígios deixados pela ditadura militar, restabelecendo princípios democráticos e humanos. Princípios estes que foram esquecidos quando o país esteve em mãos de governantes intransigentes e arbitrários, quando instalada a repressão e a barbárie se deu sob forma de tortura àqueles que de alguma forma se posicionaram contra o regime.

3.3 O Pasquim

O Pasquim nasce em um período bastante conturbado na imprensa brasileira, momento em que os jornais ainda não tinham se recuperado do susto do AI-5. Vivíamos o ano de 1969, um período de niilismo na imprensa. Depois do golpe de 1964, a imprensa ficou esperando, assustada e perplexa. Seis meses depois humoristas do Rio de Janeiro perceberam que precisavam fazer uma publicação que refletisse um humor não comprometido com a imprensa à qual serviam - a chamada grande imprensa.

O autor Braga (1991) diz que segundo Jaguar, um de seus fundadores, o jornal nasce graças à morte de um grande nome na imprensa brasileira: Stanilaw Ponte Preta, que assinava como responsável pelo o que era escrito no jornal *Carapuça*, mesmo não sendo ele quem escrevia. Para que o jornal não continuasse sendo escrito de forma psicografada, a distribuidora do jornal chamou Tarso de

Castro para resolver o problema. Tarso se une a Jaguar, Sérgio Cabral, Carlos Prósperi e Claudius para dar início ao que seria o jornal mais debochado e descomprometido politicamente do país: O Pasquim, do italiano 'pasquino' que significa um texto satírico, crítico e mordaz.

Braga (1991) afirma que o projeto inicial tinha objetivos bem simples, como a elaboração de um jornal de humor que projetasse o charme de Ipanema, bairro que reunia na época o maior número de intelectuais e artistas do Rio de Janeiro. Em 26 de junho de 1969 O Pasquim chega às bancas, com uma tiragem inicial de 20 mil exemplares, sob os protestos de Jaguar que não queria gastar um tostão naquela loucura. Quatro meses depois se comemorava na redação a tiragem de 100 mil exemplares, com a manchete: 'Provado: não existe vida inteligente na televisão'. Nesse período Ziraldo já fazia parte do quadro oficial de integrantes do jornal.

É válido lembrar que seu aparecimento ocorre numa época de grandes mudanças no quadro cultural e social brasileiro, onde uma nova geração de artistas e movimentos fincava suas raízes, em exemplo: Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, a Tropicália, o Cinema Novo, e o feminismo. É importante salientar aqui o que é o movimento feminista, que é escasso na bibliografia e bastante fragmentado por épocas, como a década de 1930 e a luta das mulheres pelo direito ao voto, caracterizando a busca pelos direitos políticos e civis, ou a década de 1970 que teve seu auge, coincidindo com o a proliferação da imprensa alternativa. O movimento se caracteriza pela luta de mulheres em prol de direitos como a inserção nas universidades e no cenário político, melhores condições de trabalho, igualação de salários e o término da discriminação sexual. Enfim, uma relação social justa entre os sexos.

O jornal inicialmente era um tablóide de conteúdo composto por matérias a respeito de sexo, drogas, casamento, feminismo e outros, sem pretensão política. Tudo isso com o uso de uma linguagem simples e corriqueira, o mais próximo possível do público. Como o próprio Ziraldo afirmou: era um jornal de crítica aos costumes e Jaguar reiterou dizendo que era um jornal contra as babaquices da classe média. (BRAGA, 1991).

Mas à medida que a repressão aumentava com a ditadura, O Pasquim foi se tornando um jornal politizado, vindo a ser o porta-voz da indignação social brasileira.

Cada número vendido nas bancas era uma surpresa e ao mesmo tempo encarado como vitória.

Chegando a marca de 220 mil exemplares em menos de um ano de existência, O Pasquim surpreendeu até os mais otimistas e fez com que sua redação logo se transformasse em centro de peregrinação de artistas e intelectuais. Sobre esse sucesso Braga fala que:

Somados o talento humorístico e jornalístico de seus colaboradores, a aura de Ipanema, a crítica de costumes que agrada ao habitante urbano, a presença freqüente de artistas nas entrevistas, a renovação proposta na linguagem jornalística, sua paginação agradável, e a ausência de outras criações capazes de atrair o consumidor intelectual (nesse período pós-AI-5 que passou a ser chamado de 'vazio cultural'), o Pasquim tinha mesmo que fazer sucesso. (1991, p. 27).

O sucesso se reflete na dinâmica do jornal, em suas matérias e faz com que o número de autores e colaboradores aumente, para fazer companhia ao grupo inicial vem: Luiz Carlos Maciel, Millôr, Fortuna, Henfil, Francis, Ivan Lessa, Caetano Veloso, Chico Buarque, Chico Anísio, Jô Soares, Ferreira Gullar, Pedro Ferreti, Marcos de Vasconcellos, Odete Lara, Vinícius de Moraes, Glauber Rocha, Cacá Diegues, Newton Carlos e Sérgio Augusto.

O humor, a mais importante característica do Pasquim, também era expresso através de HQs, tirinhas, charges e cartuns. As páginas eram reforçadas pelos desenhos debochados de Millôr, Jaguar, Claudius, Fortuna, Ziraldo e Henfil. O primeiro e mais durável personagem é criado por Jaguar, o rato *Sigmund*, que logo virou apenas *Sig* (quando o jornal é veiculado em cores fica verde), e passa a ser símbolo do jornal. Henfil cria os *Fradinhos*, Ziraldo o *Marciano* e também ridiculariza os super-heróis das HQs norte-americanas com os *Zeróis*. Claudius cartuniza fábulas com intenções políticas transparentes.

Com a censura prévia à imprensa e a proibição de publicações e exteriorizações de tudo que por suposto fosse contrário à moral e bons costumes, fosse qual fosse o meio de comunicação, O Pasquim reage a imposição com um artigo intitulado 'O sexo do Pasquim', onde critica a visão repressiva do sexo. Ingenuidade ou não, achavam que discordar era normal, acreditando na liberdade de opinião.

No fim de 1969 o jornal já tinha problemas, como a desorganização administrativa, brigas internas e piadas em momentos inoportunos. A edição número 39 trazia em destaque a frase ‘Este número foi submetido à censura e liberado’, neste ínterim uma bomba é jogada no prédio do jornal, que por sorte não explodiu. O jornal estava incomodando muita gente, mas os redatores não se intimidavam. O número 58 traz na capa: ‘Pasquim – ame-o ou deixe-o’, ridicularizando o *slogan* do governo. A irritação contra o jornal crescia e os problemas econômicos do jornal também.

Em 1970 aconteceu o que já era previsto: toda a redação do jornal foi presa, ficando o jornal aos cuidados de Millôr. A causa imediata da prisão, entende-se ter sido um cartum reproduzindo o famoso quadro de Pedro Américo em que D. Pedro, às margens do riacho Ipiranga proclama a independência. Ziraldo acrescenta um balão de fala fazendo D. Pedro gritar: ‘Eu quero mocotó’. Isso até poderia ter sido a causa da prisão, mas como afirma Braga (1991), era só questão de tempo para o cárcere, o processo já havia iniciado. O fato é que os generais ficaram indignados com a ofensa a um símbolo da pátria e o que deveria ser duas semanas de reclusão se transformou em dois meses.

No jornal se lia que a redação havia sido pega por um surto de gripe e da mesma maneira misteriosa com que foram presos, foram soltos dois meses depois. Não fosse a ajuda de amigos escritores e jornalistas o jornal teria fim nesse episódio. As frases que se vê estampadas nas capas das edições seguintes refletem o momento passado: ‘O Pasquim – apesar dos pesares’, O Pasquim é a prova: quem se comunica se trumbica’.

É chegado o fim de uma era de sucesso no Pasquim, as brigas, as dívidas, as prisões, os atentados, a censura, tudo contribuiu para o fim da festa. Tarso de Castro se desentende com a equipe e abandona o jornal. A direção do jornal vai alternando, muitos redatores vão embora, e o jornal passa por uma fase complicadíssima. A longa travessia do Pasquim segue, e o jeito era ter forças e reconstruir o jornal que estava com uma dívida de quase dois milhões de cruzeiros.

Uma coluna de sucesso que ainda se mantém em 1971 é a Dica de mulher, que trazia fotos de moças extremamente bonitas tiradas com toda a sensibilidade por Paulo Garcez. Porém, segundo Rego (1996, p. 35), passados os anos foi-se o capricho para com a coluna e na década de 1980 “qualquer moça de perna fina que

aparecesse na redação para entregar uma encomenda de pastéis era cantada pelo editor e convencida a posar sem roupa para o fotógrafo que estivesse de plantão”.

O público, embora reduzido no período das prisões, manteve-se fiel e desconhecia as dificuldades pelas quais O Pasquim passava. As entrevistas continuam sendo o carro-chefe do jornal, trazendo personalidades que estavam em voga no país como Sílvio Santos e Jece Valadão.

As piadas são mais cuidadosas, não é feita nenhuma caricatura do general da vez, Médici. Algumas frases cautelosas estampam as capas nesse período: ‘Pensando bem, é melhor não pensar bem’, ‘Um jornal que se vira pra agradar seus leitores’ (fazendo referência a uma edição que fora impressa propositalmente ao contrário) e para confundir: ‘Um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação’.

Millôr assume a direção em 1972 quando o jornal está relativamente estável e a estrutura organizacional é viável. Passada a fase de esforços para sua recuperação, agora se procura uma imagem que o defina. Henfil deixa a redação do jornal em 1973 para trabalhar nos Estados Unidos. Na ausência de fala livre, nesse período O Pasquim abusa das notícias internacionais e faz críticas a problemas urbanos. Aos poucos constrói um perfil político-social, mas nas entrelinhas. Tudo é motivo para piada, o ambiente doméstico, o consumismo, o sexo, a civilização ocidental. Observando os fatos do cotidiano e deles extraindo as causalidades políticas, este é o novo perfil do Pasquim.

O traço humorístico sempre foi presente no jornal, porém sob o comando do Millôr se torna mais evidente. O número de desenhistas humoristas cresce no país e novos cartunistas passam a colaborar com o jornal, é o caso de Demo, Duayer, Nani e IF. As HQs ganham mais espaço nas páginas do Pasquim.

Braga (1991) afirma que no início de 1974 podia-se dizer que o jornal já estava inteiramente recuperado e com a substituição do governo de Médici para Geisel, o Pasquim comemora o fato com a capa que traz em demonstração de alívio a interjeição UF! As letras ocuparam a página inteira, não era necessário dizer mais nada.

Variando entre assuntos relacionados à copa e mulher, O Pasquim segue sua travessia, mas sem muito ânimo frente às promessas do novo governo, é o que se

pode ver pelas frases usadas: ‘O Pasquim - um jornal que não vê a luz no fim do túnel’ e ‘O Pasquim – um jornal fraco e abusado’.

A saída de Millôr assinala mais um fim de uma fase, o ano é 1975 e na edição de número 300 O Pasquim, enfim, vê o término da censura prévia. A frase-lema do jornal passa ser ‘Imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados’. Os cartuns e charges seguem sendo o ponto máximo do humor no jornal, e com o fim da censura tudo aquilo que antes não podia aparecer nos desenhos, agora pode.

Jaguar retoma a direção do Pasquim e o conduzirá durante o esforço liberal. É o momento em que a sociedade faz tentativas de recuperar suas liberdades democráticas, reivindicando direitos através de instituições como a Igreja, e também pela própria imprensa alternativa. O Pasquim passa a ser um veículo de reclamações e reivindicações da população.

Apesar do término do governo de Médici o medo ainda assola a sociedade diante de notícias de desaparecimentos e uma onda de tortura clandestina. O ano de 1976 é um ano de terrorismo de direita, que procura abalar as frágeis capacidades de resistência das instituições reivindicadoras de liberdade de expressão. Uma bomba explode na casa de Roberto Marinho, presidente das empresas Globo, uma num depósito da Editora Civilização Brasileira e outra no jornal *Opinião*. O Pasquim, dentro do possível, vai dando cobertura a esses episódios. É nesse ambiente que Henfil cria o personagem *Ubaldo - o paranóico*, um indivíduo crítico que absorveu a repressão a ponto de se culpar, e se auto-reprimir, segundo Braga (1991) os cartuns com esse personagem procuravam, de certa forma, exorcizar o medo, da sociedade e do Pasquim.

Diante da postura mais liberal do governo de Geisel, O Pasquim amplia seus horizontes, se torna mais crítico e menos respeitoso quanto as restrições morais trazidas pela censura. O sexo, o feminismo, e o homossexualidade passeiam pelas páginas e cartuns ‘pasquinianos. Outra ação nesse momento foi trazer à tona material com conteúdo que fora censurado em edições anteriores.

Em 1977 o momento político é duro, o governo federal decreta o recesso do Congresso e edita no mês seguinte um conjunto de medidas, sendo uma delas a continuação das eleições indiretas para governos estaduais no ano seguinte. Essas medidas ficaram conhecidas como o “pacote de abril”. (BRAGA, 1991, p. 75). Em

resposta ao pacote o jornal traz na capa a seguinte frase: 'Empacotados sim, embrulhados nunca'. Manifestações reivindicatórias aumentam, as greves universitárias se espalham pelo país.

Figueiredo é escolhido pelo Congresso como presidente. Caminha-se para o fim do AI-5, que é substituído por uma legislação menos arbitrária, mais ainda dura. Em outubro de 1978 acontece o 1º Congresso de Jornalistas Brasileiros pela Liberdade de Imprensa.

Na edição 486 o Pasquim publica uma charge sobre o mar de lama, fazendo referência à corrupção que caracterizou o final do governo de Geisel. Logo a redação do jornal recebe sérias ameaças entrando em clima de apreensão, é o que se pode ver pela frase que estampa a próxima edição: 'Quem tem jornal tem medo'. Prossegue a dialética infernal: de um lado o medo, do outro a audácia. Porém,

O Pasquim, como os outros jornais alternativos, vai continuar a reivindicar tudo o que resta ainda a obter: anistia, eleições diretas, retorno dos militares às casernas...Reclamações caracterizadas por uma audácia crescente, apesar do medo. Ou talvez por uma audácia de que só é capaz quem tem medo. (BRAGA, 1991, p. 83).

No ano de 1979 os jornais alternativos seguem em busca de espaço, desejam liberdade de expressão no chamado esforço liberal. O Pasquim não foi diferente, mas preferiu ser cauteloso, mesmo frente ao fim do AI-5, seguiu na cobertura de movimentos sociais. Em julho do mesmo ano finalmente o governo cede a anistia aos exilados políticos, estes retornam ao país e muitos são entrevistados pelo jornal, como foi o caso da edição número 540 que trazia estampada o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro - Luiz Carlos Prestes. O ano é de reformulações partidárias e no Pasquim há o retorno do caricaturismo político nas HQs.

Nos anos 80 vê-se o esgotamento gradativo da linguagem inovadora e pluralista do Pasquim, que caracterizou os anos 70. Passada a 'década de humor', o jornal se encontra com sérios problemas políticos e econômicos. Em 1980 o tema anistia e retornados começa a se esgotar, o interesse do público também. Em comemoração ao um ano de governo de Figueiredo, o jornal traz uma charge que continha mulher, nudez e menção ao golpe de 1964, além do rosto do atual presidente. Foi o bastante para a edição ser apreendida pelo Ministro da Justiça.

Mesmo com o imenso prejuízo que a apreensão promoveu, Jaguar vem a público e afirma que o jornal teimará em sobreviver, posto já ter sobrevivido a outros

cinco ministros. Nesse período a redação foi assolada por violentas brigas internas, as prisões tiveram continuidade e a redação do jornal sofreu dois atentados a bomba. Com os atentados que se estendem aos pontos de vendas e o medo voltando a rondar, os comerciantes se recusam a vender O Pasquim. Em consequência, a vendagem cai consideravelmente e uma grande parcela de assinantes do jornal é perdida.

A grande imprensa volta a brilhar, se adaptando facilmente à nova fase que o país vive, renova sua linguagem e atende rapidamente as solicitações do público leitor. Por sua vez a imprensa alternativa não tem a infra-estrutura necessária para competir, com baixo corpo de repórteres e em ritmo lento vai perdendo espaço. Mas nada disso significa perda na qualidade do Pasquim, pois ele segue irreverente, só não consegue mais atrair o leitor como antes. As famosas entrevistas, com pessoas notórias e celebridades continuam. Nelas, além dos temas sociais, se discute feminismo, psicologia, ecologia e minorias sexuais.

Após mais uma edição apreendida, somado os atentados, a inflação, e os custos da gráfica, o jornal se afunda mais ainda economicamente. Segundo Braga (1991), mesmo diante de propostas de reformulação o jornal não consegue encontrar respostas e segue em esforços improvisados que visam à melhoria da situação.

Em tentativa frustrada de atrair leitores, o jornal muda o formato, ficando maior. O novo Pasquim é mais sério, tem mais texto e menos ilustração. As entrevistas perdem o tom informal. O novo jornal aceita melhor os temas pessoais e menos os políticos. A crise continua, durante a copa de 82 chega aos mais baixos índices de vendagem.

A alta intensidade política de 1983-1985 favorece a aceleração informativa, trazendo reflexos positivos para o funcionamento da imprensa em geral. Porém O Pasquim segue em crise, sua apresentação está muito descaracterizada, em muito pela saída de mais integrantes da redação, como o próprio Ziraldo. Em complemento, Kucinski fala que:

Durante toda a sua existência como imprensa alternativa, O Pasquim foi uma sociedade por cotas instável, em que mudava a composição acionária, a cada crise. Mas não foram obedecidas regras básicas de administração, controle financeiro e de estoques, o que levou ao

estrangulamento de um projeto editorialmente bem-sucedido. O grupo não se via como uma empresa, nem mesmo como uma redação convencional, mas como uma patota, um grupo de amigos que tinha prazer de fazer de suas relações pessoais e idiossincrasias matéria de jornal. (2001, p. 106).

Em agosto de 1988 o Pasquim foi comprado por João Carlos Rabello, empresário e jornalista, que estava disposto a profissionalizá-lo visando o lucro. O periódico passa por mudanças que aceleram ainda mais o processo de descaracterização. Com essas mudanças o leitor perde a patota e toda sua pluralidade, pessoalidade, independência, e subjetividade. Os valores prezados são outros, como a rentabilidade e a eficiência. Perdendo suas marcas o jornal foi sendo absorvido progressivamente pela indústria cultural.

Em 1989, o semanário comemorou a edição número 1000 e os seus vinte anos de existência, sendo reconhecido pela relevância junto ao público e perseverança de seu editor, Jaguar, que não o abandona até o último suspiro.

Na era Collor, o periódico faz uma fotomontagem em referência ao nazismo, caracterizando o presidente de Hittler, em legenda está escrito: 'Votaram nele? Fodam-se!'. Aqui o jornal consegue volta a mostrar sua característica mais conhecida, o humor republicano, representando cenas da política e governantes de forma debochada. Em 1990 o jornal é homenageado pela Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz, com o tema 'Os Heróis da Resistência'. Foi o primeiro veículo de comunicação transformado em tema enredo de desfile.

Graças aos esforços de Jaguar o jornal se mantém ativo até 1991. O Pasquim se despede sob críticas, devido às capas com forte apelo sexual, as entrevistas insossas e a falta de crítica política.

4 METODOLOGIA

O estudo realizado classifica-se como descritivo, pois tem como objetivo maior a descrição das características referentes a uma população, grupo ou fenômeno. Segundo Gil (2008) este tipo de estudo possibilita, após realizada a caracterização de uma amostra, o estabelecimento de relações entre as variáveis estudadas, buscando a interpretação de uma determinada realidade.

A abordagem do estudo é, em parte, qualitativa, pois o nível da realidade abordada não pode ser apenas quantificada. Segundo Flick (2004) a pesquisa qualitativa permite a análise sob perspectivas diferentes e tem o pesquisador como parte do processo de pesquisa, permitindo uma reflexividade que permeia a produção do conhecimento. Porém, a abordagem quantitativa se faz necessário devido à natureza híbrida da técnica a ser empregada: a Análise de Conteúdo, amplamente utilizada nos estudos das mensagens veiculadas através dos meios de comunicação de massa.

Kientz (1973) considera como meios de comunicação de massa (*mass media*), a televisão, o rádio, o cinema, a fotografia, a imprensa e as histórias em quadrinhos, além de outras. McLuhan (2007) vê esses meios como uma extensão do homem, afirmando que o meio é a própria mensagem, e que as consequências sociais e pessoais ocorrem em virtude do conteúdo ou uso deles. Para que se entendesse as mensagens veiculadas pelos *mass media* foi necessário uma nova técnica, já que métodos clássicos (intuitivos e subjetivos) não eram suficiente diante da avalanche de conteúdo, fez-se necessário uma técnica objetiva e rigorosa. Desenvolvida desde o início nos Estados Unidos, a Análise de Conteúdo foi essencialmente aplicada ao jornalismo, surgindo com a proposta de descrever de forma objetiva, quantitativa e sistemática esse conteúdo manifesto nas comunicações, a fim de interpretá-los.

Segundo Bardin (1977) a técnica ainda não está plenamente definida, e se encontra em constante aperfeiçoamento. Para o autor é uma espécie de hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Por isso a natureza híbrida, citada anteriormente, a técnica oscila entre dois pólos distintos, o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade, “absolve e cauciona o investigador por esta *atração* pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem”. (1977, p. 9).

A Análise de Conteúdo rompe com aquilo que à primeira vista é comum, aleatório ou fácil. A técnica exige uma segunda observação frente ao objeto de estudo, faz necessário um intervalo de tempo entre o estímulo provocado pela mensagem e a reação interpretativa do pesquisador. A Análise de Conteúdo foi imprescindível para este estudo, pois permite ver além daquilo que é mostrado.

O *corpus*, palavra de origem grega cujo significado é corpo, nas ciências históricas faz referência a uma coleção de textos, mas pode ser definido como “uma finita coleção de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar”. (BARTHES, 1967 *apud* BAUER; AARTS, 2007, p. 44)⁵. Portanto o *corpus* não se restringe apenas a uma coleção de textos, podendo ser formado por uma coleção de imagens, cartazes, fotografias e até mesmo músicas.

A fim de formar o *corpus* deste estudo, observou-se a coleção do jornal O Pasquim, que estão guardadas no acervo da Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) e no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Este primeiro momento configurou-se na pré-análise, onde os documentos foram escolhidos de acordo com os objetivos do estudo. Todas as HQs que apresentavam a figura feminina foram fotografadas. Deste modo, o *corpus* deste estudo é constituído de HQs, ou seja: imagens.

Objetivando entender o que é imagem, buscou-se na obra de Martine Joly (2005) - Introdução à análise da imagem, algumas respostas. Joly inicialmente expõe a necessidade de nós, consumidores de imagens, entendermos melhor como a imagem comunica e transmite mensagens. No nosso dia a dia convivemos com muitas imagens, se as utilizamos devemos decifrá-las e interpretá-las. Percebendo tudo o que essa leitura natural ativa na nossa própria história, cultura e convenções, a fim de escaparmos da impressão de passividade frente a elas.

⁵ BARTHES, R. **Elements of Semiology**. New York: Hill and Wang, 1967.

Uma das definições mais antigas de imagem diz que ela é aquela que representa o nosso reflexo, seja na água ou no espelho, ou seja, a imagem é um processo de representação, um objeto secundário em relação a outro que ela representa, de acordo com certas leis particulares. Na mesma obra a autora também menciona a imagem da mídia. A imagem invasora, onipresente, que anuncia e comenta fatos, essa imagem é sinônimo de publicidade. Chega-se ao objeto de estudo, o jornal, que é um suporte e sua publicidade é o conteúdo, ou seja, a mensagem. Tem-se aqui a definição procurada: a imagem é uma representação. E é esta representação, da mulher nas HQs do jornal O Pasquim, que se analisa neste estudo.

A coleta de dados entra na fase de exploração do material já selecionado, e como o objetivo primordial desse estudo é analisar a representação da mulher nas HQs do jornal O Pasquim, entendeu-se a necessidade de fotografar apenas as tirinhas, charges e cartuns onde ocorre a presença feminina. Em princípio estimou-se fotografar todas as edições referentes aos anos iniciais do jornal (1969-1970), a fase intermediária (1984-1985), e a fase final (1990-1991).

Porém, alguns fatores limitantes ocorreram no decorrer da coleta de dados, como: os horários disponíveis para acesso aos acervos estudados; o estado das coleções (alguns jornais estavam sujos, manchados, amassados ou até mesmo rasgados) que interferiu na qualidade das fotografias obtidas; e a incompletude das coleções, ocasionando a redução de dados obtidos, não sendo possível o acesso aos anos finais do jornal (1990-1991). Em virtude disso os anos fotografados (últimas edições a que se teve acesso) foram 1988-1989.

Após a obtenção das fotografias, estas foram organizadas no computador, em pastas de acordo com o ano a que pertenciam. Após, cada fotografia foi codificada, e o código recebido foi inserido em uma tabela elaborada no *software Excel*.

O próximo passo foi a decomposição deste *corpus* em fatores ou variáveis. Uma espécie de fragmentação que objetiva tratar todo o material a partir de seus elementos constitutivos. Para isso, todos os elementos inseridos dentro das HQs, além dos personagens, foram considerados passíveis de análise.

Assim, todas as imagens/HQs foram observadas, a fim de extrair-lhes cada detalhe existente, como por exemplo, o cenário e a vestimenta usada pelas mulheres. Cada detalhe observado foi considerado um fator oriundo da imagem. Os fatores quando inseridos na tabela, relacionam-se ao código da fotografia

observada. Desse modo, chegou-se a uma tabela constituída de 394 códigos (número de fotografias adquiridas) relacionados às variáveis surgidas ao longo da observação.

Durante a elaboração do projeto que antecedeu esta monografia, foi realizado um estudo piloto do estudo, no qual fez-se a coleta, organização e tabulação dos dados, de forma parcial. Apenas a coleta de dados foi realizada integralmente. Primeiramente pesquisou-se quais instituições possuíam a coleção do jornal O Pasquim, a fim de fotografar as coleções mais completas. Todas as edições referentes ao ano de 1969 foram fotografadas no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, as demais edições na Biblioteca da FABICO.

Todas as edições do jornal foram fotografadas de forma sistemática, da seguinte maneira: todas as edições referentes a um determinado ano eram separadas, os jornais eram folheados um a um a fim de se observar as HQs impressas, e sempre que notada a presença feminina em uma tirinha, charge ou cartum, se fotografava. Foi obtido, após este procedimento, um total de 394 fotografias, incluindo HQs, tirinhas, charges e cartuns. Estas fotografias foram organizadas por anos em pastas e guardadas no computador. Cada fotografia recebeu um código, a fim de ser representada na tabela (*Excel*) que foi elaborada a seguir. O código foi elaborado da seguinte maneira, cada fotografia foi organizada e representada nesta ordem: ano da edição, mês em que foi fotografada e um número em ordem crescente (respeitando a sequência em que foi fotografada) desta forma, uma HQs referente a uma edição do ano de 1970, fotografada em junho e que foi a quinta fotografia tirada nesta data, fica com o seguinte código: 70.06.005.

De forma aleatória se escolheu um ano para ser tabulado e brevemente analisado. Todas as fotografias referentes ao ano de 1970 foram observadas, a fim de se obter os fatores que seriam inseridos na tabela. O processo de obtenção de fatotes foi realizado da seguinte maneira: uma imagem era escolhida (segundo sua ordem sequencial) e observada. Dessa observação vieram os fatores.

Cabe ressaltar que os fatores não foram definidos previamente, mas sim à medida que foram aparecendo nas HQs, não sofrendo qualquer tipo de inferência da autora além da simples observação. As demais fotografias foram tabuladas, observadas, analisadas e interpretadas posteriormente, em outra tabela.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste início de seção sentiu-se a necessidade de fazer novos apontamentos acerca da metodologia utilizada, uma vez que se buscou uma metodologia que respeitasse as imagens e que somente analisasse o discurso visual, ou seja, o discurso das próprias imagens. Para isso as imagens foram decompostas em fatores, que são o mesmo que variáveis. Os fatores ou variáveis são objetos, aspectos físicos, itens que compunham as HQs.

A tabela foi completada após a observação e posterior decomposição de todas as HQs em fatores. As linhas da tabela representam as imagens e as colunas cada um dos fatores, itens, ou variáveis, que apareceram nas próprias imagens. Com a tabela completa fez-se inferências e interpretações a fim de saber se a hipótese inicial se confirma, e se os objetivos propostos no início deste estudo foram alcançados. Esta seção apresenta os resultados obtidos no estudo, sua interpretação, e caminho traçado para se chegar a eles.

5.1 Fatores: identificando as variáveis

Como já explicado, as 394 HQs fotografadas foram observadas e decompostas em fatores, que são as variáveis identificadas no estudo. Após a observação das HQs obteve-se um total de 89 variáveis, descritas a seguir juntamente com o número de vezes em que aparecem nas HQs: 3 homens ou mais (94), 2 homens (54), 1 homem (171), 3 mulheres ou mais (49), 2 mulheres (48), 1 mulher (297), Biquini (19), Calça (22), Lingerie (18), Pantufa (2), Saia (16), Salto alto (107), Tênis (3), Vestido (199), Bunda (40), Cabelo comprido (212), Cabelo curto (139), Cabelo preso/Coque (81), Decote (70), Gravidez (11), Grisalha (15), Loira (111), Morena (285), Negra (2), Nudez (99), Bolsa (13), Chapéu/Coroa (25), Jóia (84), Maquiagem (141), Óculos (49), Bebida alcoólica (26), Cigarro/Cachimbo (22), Seringa (2), Frutas/Verduras (11), Praia (19), Sala de aula (4), Automóvel/Motocicleta (15), Barco/Navio (8), Tanque de guerra (2), Abajur (9), Agulha de tricô (6), Âncora (1), Arma (21), Balança (2), Balde (4), Banheira/Chuveiro (2), Bengala/Muleta (9), Bola (1), Brinquedo (1), Cadeira/Banco (37), Caixão (2), Cama (37), Castiçal/Lustre (4), Corda (4), Escada (4), Espelho (5), Fogão (2), Guarda-chuva (2), Guarda-roupa (5), Instrumentos musicais (12), Janela (19),

Jornal/Livro (19), Louça (42), Luvas de boxe (1), Máquina de costura (3), Máquina fotográfica (1), Mesa (55), Microfone/Megafone (4), Papel higiênico (2), Pia (4), Planta (46), Porta/Portão (23), Rádio/Vitrola (4), Rede (3), Relógio (2), Rolo de macarrão (3), Sofá (24), Tapete (6), Telefone (6), Televisão (10), Tinta/Pincel/Tela (9), Tridente (1), Urna (1), Vaso sanitário (5), Vassoura (6), Sexo (66), Fala (131), Animal (55), Criança (52).

5.1.1 Categorias: organizando as variáveis

Segundo Kientz (1973, p. 167) independente da pesquisa, o princípio a ser seguido é sempre o mesmo: “ordenar tudo para ser claro”. A classificação das variáveis em categorias possibilita controlar a massa e a diversidade do *corpus*.

Seguindo este princípio, as variáveis encontradas nas HQs foram agrupadas em categorias. A criação das categorias foi simples, e a relação destas com as variáveis foi feita através de simples associação, de forma temática.

As variáveis referentes ao que as mulheres vestiam, como vestido, saia e calça foram agrupadas na categoria Indumentária feminina, por exemplo. Seguindo essa lógica as 89 variáveis foram organizadas em 13 categorias, que são: Acessórios, Alimentação, Drogas, Indumentária feminina, Lugares, Mulher, Objetos/Cena doméstica, Presença de homens, Presença de mulheres, Sexo, Transporte, Fala e Outros.

5.1.2 Cores: colorindo a tabela

A tabela inicialmente obtida era composta de 394 imagens (seus respectivos códigos dispostos em linhas) e 89 variáveis (dispostas em colunas). A sequência respeitada para a organização das imagens foi a data em que foram obtidas, em ordem crescente, e as variáveis apresentadas de acordo com a ordem em que apareciam durante a observação das fotografias.

O próximo passo para a realização da análise dos dados foi a quantificação dos mesmos. Para isso, conforme uma variável era inserida na tabela a mesma passava a ser observada na imagem seguinte, recebendo 0 quando não encontrada e 1 quando encontrada, ou seja, foram sistematizadas em uma tabela de presença/ausência.

A partir dessa tabela inicial uma nova foi construída, com todas as variáveis distribuídas de acordo com a categoria pertencente. Para que as categorias pudessem ser melhor observadas na tabela, entendeu-se que precisavam de destaque. Para isso cada uma recebeu uma cor distinta, distribuídas na tabela exatamente nesta ordem e cores: **Presença de homens**, **Presença de mulheres**, **Indumentária feminina**, **Mulher**, **Acessórios**, **Drogas**, **Alimentação**, **Lugares**, **Transporte**, **Objetos/Cena doméstica**, **Sexo**, **Fala e Outros**.

Em seguida todas as células que apresentavam o 1 de encontrado, foi preenchida com a cor referente a sua categoria, ficando da forma apresentada na tabela abaixo (Tabela 1: Presença de homens e mulheres):

Tabela 1- Presença de homens e mulheres

Imagem	3 homens	2 homens	1 homem	3 mulheres	2 mulheres	1 mulher
69.05.001	0	0	0	0	0	0
69.05.002	0	0	1	0	0	0
69.05.003	0	0	1	0	0	0
69.05.004	0	0	1	0	0	0
69.05.005	0	0	1	0	0	0

Fonte: Dados da pesquisa.

Através dessa tabela (ver tabela completa no Apêndice A) vê-se que as cinco primeiras imagens do ano de 1969, apresentam 1 mulher nas HQs, enquanto que a presença de 1 homem não foi observada apenas na primeira imagem.

Cabe ressaltar que todas as imagens observadas continham a figura feminina, mesmo quando na variável Criança, mas o mesmo não se aplica as variáveis relacionadas à categoria Presença de homens, já que em algumas HQs não ocorre a presença do homem. A importância disso está no fato da presença feminina ter sido a condição primordial na escolha do que seria fotografado, assim como as edições do jornal - previamente definidas para a construção do *corpus* (ver Apêndice B) de pesquisa.

A tabela possibilita visualizar a distribuição das variáveis, sob duas leituras distintas: sincronicamente, imagem por imagem; e diacronicamente, a distribuição das diversas edições ao longo do tempo.

Desta forma pode-se observar quais foram as diferenças de discurso nas diferentes edições do Pasquim, comparando as imagens que aparecem com fatores iguais e se em períodos diferentes as mulheres foram representadas de forma diferente.

A disposição das variáveis em categorias permitiu uma visualização condensada das informações extraídas das HQs, e as vantagens da metodologia usada são evitar-se: uma leitura subjetiva do discurso, já que as imagens foram analisadas apenas a partir do que nelas estava representado; leituras meramente estéticas; e inferências externas ao próprio discurso das imagens. Além da possibilidade de tratar uma quantidade tão grande de imagens em um método igualitário para cada uma delas.

Para o tratamento quantitativo dos dados Kientz (1973) sugere alguns métodos de análise, como a análise de frequência, a análise associativa e a análise avaliadora. Dentre os métodos apresentados pelo autor, o escolhido para a aplicação neste estudo foi a análise de frequência, em virtude do uso de uma tabela de presença/ausência. A frequência, neste método, é “tomada não no sentido estrito da estatística, mas na ampla acepção daquilo que se repete amiúde”. (1973, p. 169).

Nas obras de Bardin (1977) e Kientz (1973), utilizadas para suporte metodológico neste estudo, foi encontrado apenas informações superficiais referentes à aplicação da técnica Análise de Conteúdo em HQs, por isso alguns procedimentos aqui adotados, como a definição dos fatores, categorias e as cores empregadas para destacar as categorias foram ideias próprias, uma iniciativa de prática além do contido nas obras consultadas.

5.2 Elas e eles nas histórias em quadrinhos

A mulher esteve presente em todas as imagens analisadas neste estudo, mesmo quando observado apenas a presença de crianças em alguma HQs, fotografou-se a mesma em justificativa da presença de meninas.

No gráfico abaixo (gráfico 1) nota-se que a incidência da presença de mulheres nas imagens teve grande destaque para 1 mulher (297 aparições), sendo que a presença de 3 mulheres (49 aparições) e 2 mulheres (48 aparições) teve

diferenciação mínima, considerada tecnicamente como uma igualdade de frequência.

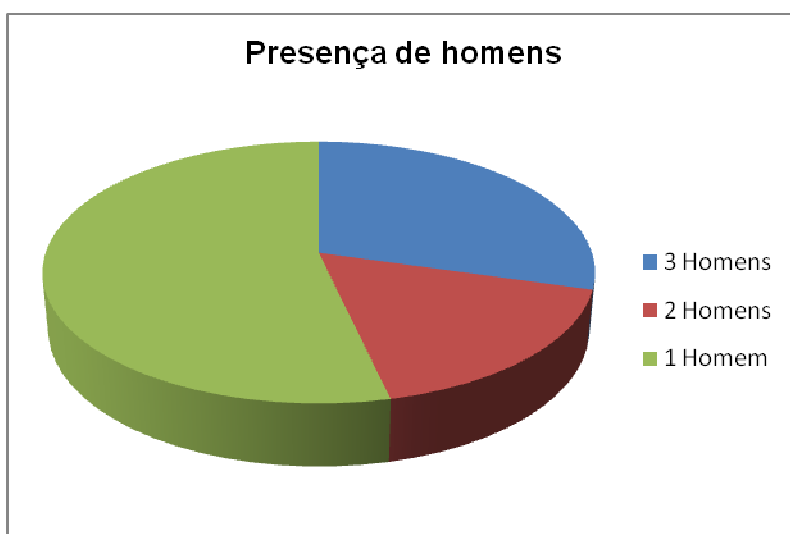
Gráfico 1 - Presença de mulheres



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas HQs observadas raramente a mulher foi retratada sozinha, logo os homens estiveram presente em quase todas. A presença de 1 homem, assim como nas mulheres, teve maior destaque frente as demais variáveis, (171 aparições). Porém a presença de 3 homens se destacou da presença de 2 homens, resultando em 94 e 54 aparições, respectivamente (gráfico 2), o que não aconteceu com as outras variáveis femininas com menor incidência.

Gráfico 2 - Presença de homens



Fonte: Dados da pesquisa.

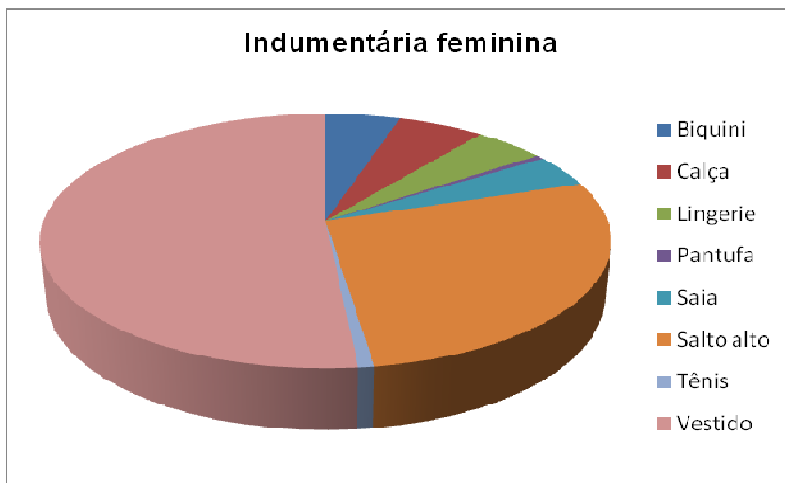
Ao final da análise dessas duas categorias, Presença de mulheres e Presença de homens tem se um breve parecer: majoritariamente o Pasquim ilustra um homem e uma mulher em suas HQs. Em suma, casais.

5.3 Com que roupa, e acessórios, eu vou?

Já se observou a presença das mulheres nas HQs, inclusive em que quantidade elas aparecem. Mas isso não basta para se traçar perfis, tampouco provar a presença de estereótipos. Para tanto é necessário, além de outras coisas, saber o que elas vestem e quais acessórios fazem uso.

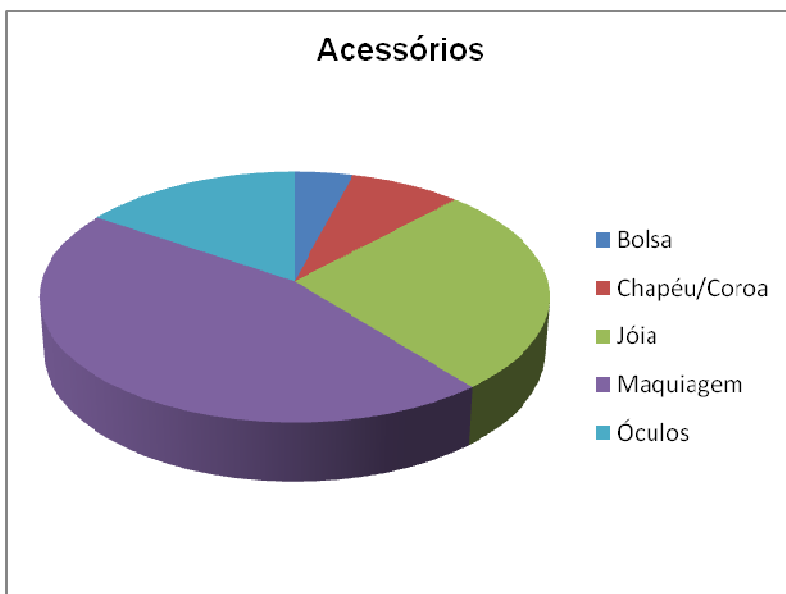
Os gráficos que seguem (gráfico 3 e 4) são uma tentativa de mostrar como a mulher do Pasquim se veste, se arruma, enfim.

Gráfico 3 - Indumentária feminina



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 4 - Acessórios



Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se, através dos gráficos mostrados, que a mulher veste mais vestido que saia ou calça, em seus pés há a predominância de salto alto, a maioria das vezes está maquiada e faz bastante uso de jóias. Com isso pode-se presumir que a mulher do Pasquim é feminina, sensual e vaidosa.

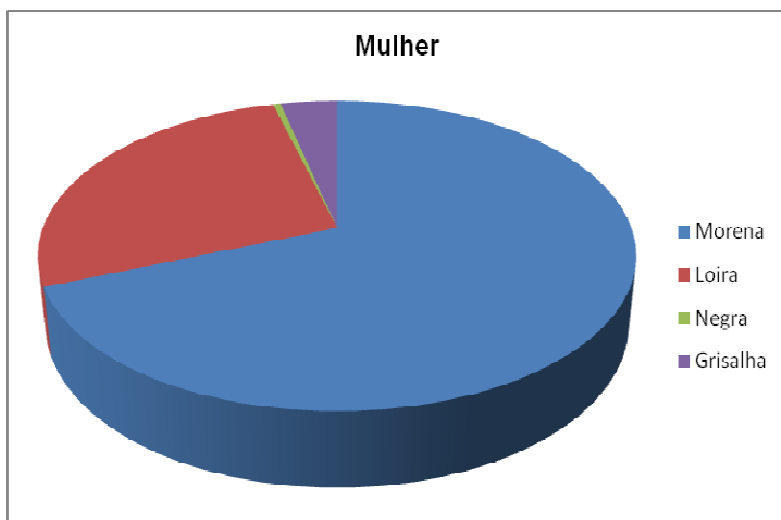
5.4 Mulher, mulher

A categoria intitulada Mulher (gráficos 5 e 6) faz referência a detalhes físicos observados nas figuras femininas das HQs. Como cor e corte de cabelo, por exemplo.

A mulher que se destaca no Pasquim é morena (285 aparições) e possui cabelos longos (212 aparições). Por morena, neste estudo, entende-se mulher branca de cabelos negros.

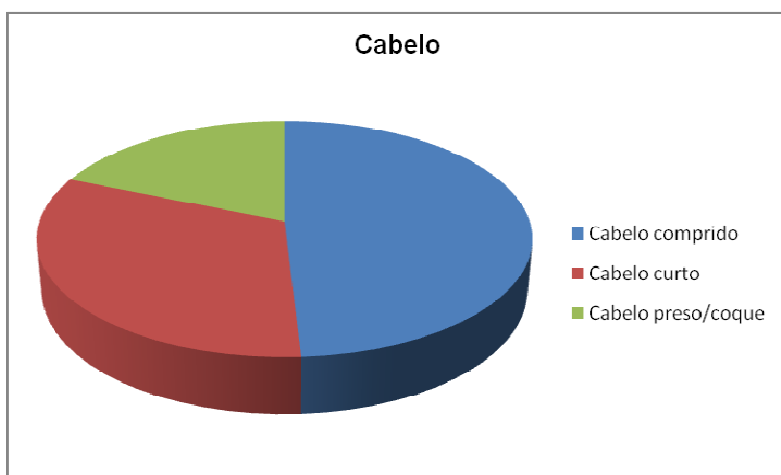
A mulher loira também teve seu papel importante no Pasquim, mostrando seus cabelos claros 111 vezes. A grande surpresa do estudo, nessa categoria, foi o ínfimo número de aparições de mulheres negras (ou mulatas) nas HQs: apenas 2, fato um tanto estranho para um jornal “nascido e criado” no Rio de Janeiro sob o charme e sol de Ipanema, não?

Gráfico 5 - Mulher



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 6 - Cabelo



Fonte: Dados da pesquisa.

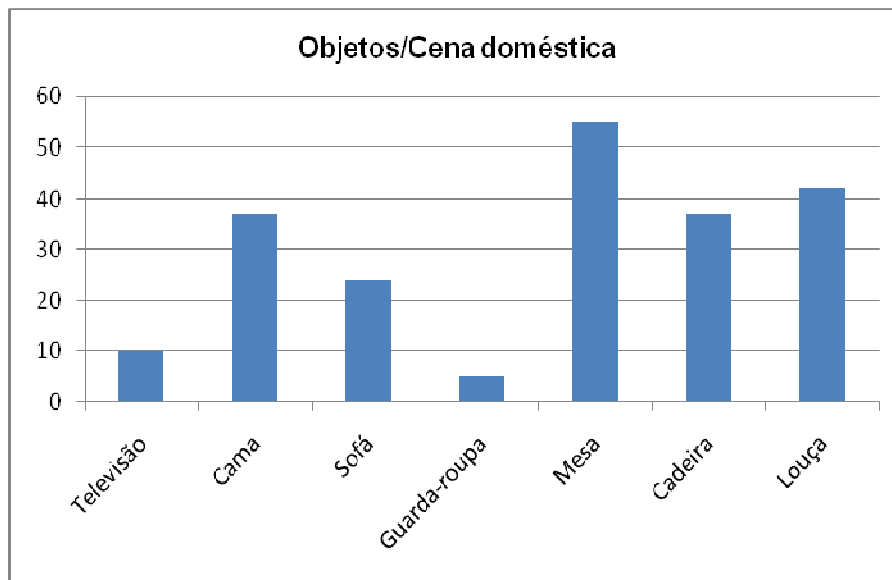
A mulher mais velha, também teve destaque nas HQs, constituindo a variável Grisalha tem-se as senhoras e vovós. Sentadas em cadeiras de balanço, com seus cabelos presos ou em forma de coque, graciosamente empunham agulhas de tricô.

5.5 Cenários

A categoria Objetos/Cena doméstica foi engendrada a fim de organizar os itens que compunham os cenários das HQs. Os locais onde aconteciam as narrativas eram diversos, como praia, sala de aula, bar e rua. Porém algumas locações tiveram um maior destaque, como sala de estar, sala de jantar e

dormitório. Em virtude da maior incidência de cenas nestes lugares, justificam-se os objetos mais frequentes nas HQs, mostrados no gráfico abaixo (gráfico 7).

Gráfico 7 - Objetos/Cena doméstica



Fonte: Dados da pesquisa.

5.6 Sem censura e sem vergonha

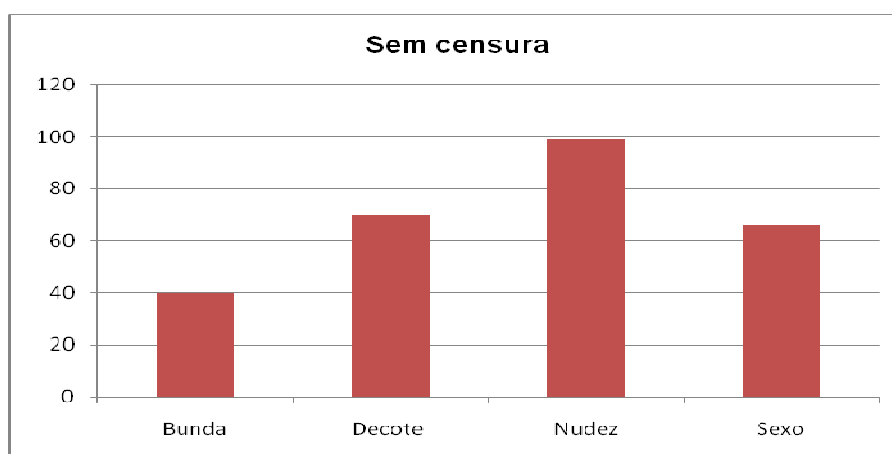
Segundo Joly (2005) para que se realize uma boa análise é necessário, primeiramente, defini-la segundo os objetivos do estudo. No caso deste estudo tudo foi pensado com este propósito, desde a escolha das HQs fotografadas até se chegar as variáveis e mais adiante, as categorias em cores.

Quando se pensa nas representações femininas observadas nas HQs em geral, a figura da mulher sensual, fatal e provocante é a que prevalece. Munidas de decotes e roupas justas, algumas heroínas sobrepõem a força física dos inimigos fazendo uso da arma mais potente que possuem - a sedução. Seguindo esses pensamentos observou-se atentamente tais características na mulher do Pasquim.

Em virtude desses pensamentos pré-concebidos acerca da representação feminina nas HQs, quão grande foi a surpresa quando notou-se o pouco destaque dado a bunda da mulher pasquiniana (gráfico 8). Sim, Bunda é uma das variáveis, juntamente com Decote, Nudez e Sexo, observadas nas imagens (ver figuras 13 a 16) a fim de se encontrar a mulher provocante no Pasquim.

O baixo índice de ocorrência de bundas deu-se por causa da variável Nudez. Explica-se: considerou-se a presença da variável Bunda quando a mesma encontrava-se em destaque na imagem, porém não desnuda (ver figura 13). Quando a mulher apresentava algo desnudo no corpo, considerou-se assinalar a variável Nudez. Observando o gráfico abaixo fica claro o destaque desta variável em relação às demais.

Gráfico 8 - Sem censura



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à variável Sexo, esta faz menção ao ato sexual em si, podendo este ser explícito ou implícito (ver figura 15, o sexo explícito). A incidência desta variável, bem como as demais, é um reflexo do comportamento social e cultural que se assistia no país à época do nascimento do Pasquim (1960-1970).

Segundo Queiroz (2008) o jornal fazia parte do fenômeno chamado de contracultura, que foi influenciado pela imprensa alternativa norte-americana, o jornalismo *underground* já citado anteriormente neste trabalho. Este fenômeno resultou de vários movimentos sociais, culturais, filosóficos e artísticos que aconteciam ao redor do mundo. O próprio movimento feminista, o movimento *hippie*, o movimento negro norte-americano, a filosofia do existencialismo francês de Jean-Paul Sartre, as filosofias orientais como o *zen*-budismo e o hinduísmo e a psicanálise. Queiroz (2008, p. 226) afirma que a imprensa *underground* “[...] possibilitou uma maior difusão de novas formas de pensar, ver e sentir o mundo. Atrelando o seu discurso às lutas pelas liberdades de pensamento, comportamento, sexual e dos costumes”, indo de encontro ao conservadorismo da sociedade vigente.

Figura 13 - Bunda



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (70.04.036).

Figura 14 - Nudez



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (84.05.016).

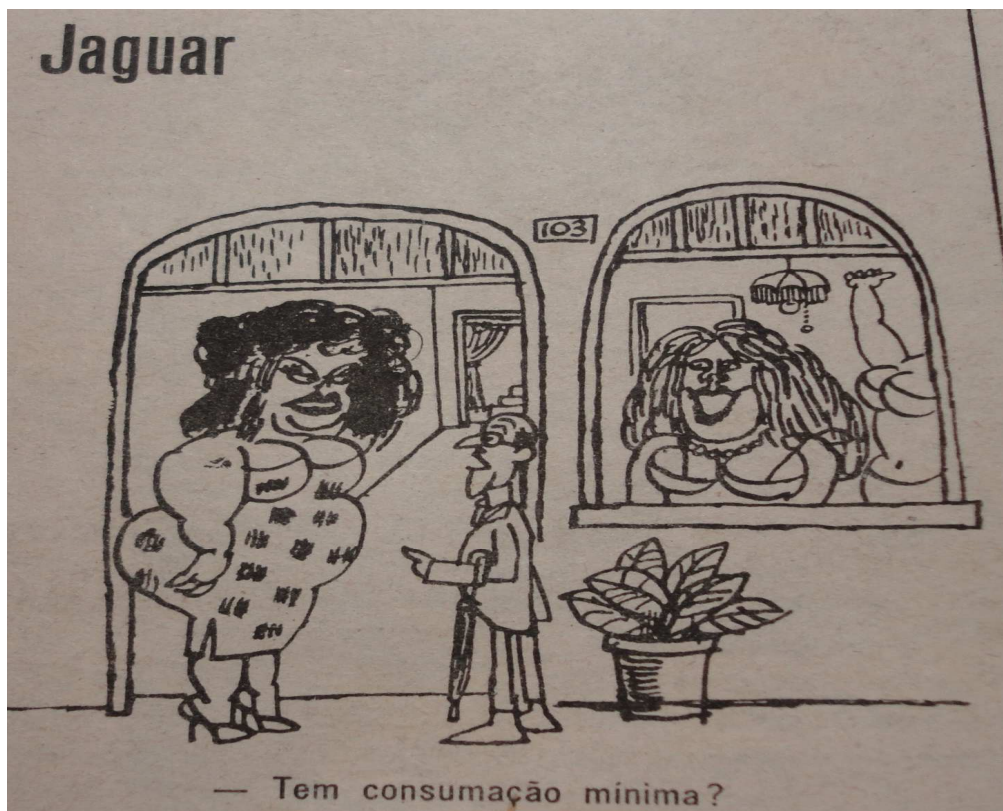
Este início da revolução sexual também pôde ser visto no cinema nacional. Oriunda da chanchada, uma mescla de vários estilos de comédia, a pornochanchada deu início ao cinema erótico no país. Esta nova modalidade de comédia erótica, tinha como temas recorrentes a malandragem, o travestismo, o adultério, a homossexualidade, e a bissexualidade feminina. Segundo Freitas (2004) o estilo cinematográfico de linguagem brejeira e picardia, chegou a ser considerado, pelo meio acadêmico brasileiro, um veículo despolitizador de mentes, tendo até recebido incentivo do governo que objetivava desviar a atenção do filmes intelectuais do Cinema Novo, que mostravam os desmandos e perseguições políticas.

Figura 15 - Sexo



Fonte: *Corpus da pesquisa*. (84.05.118).

Figura 16 - Decote



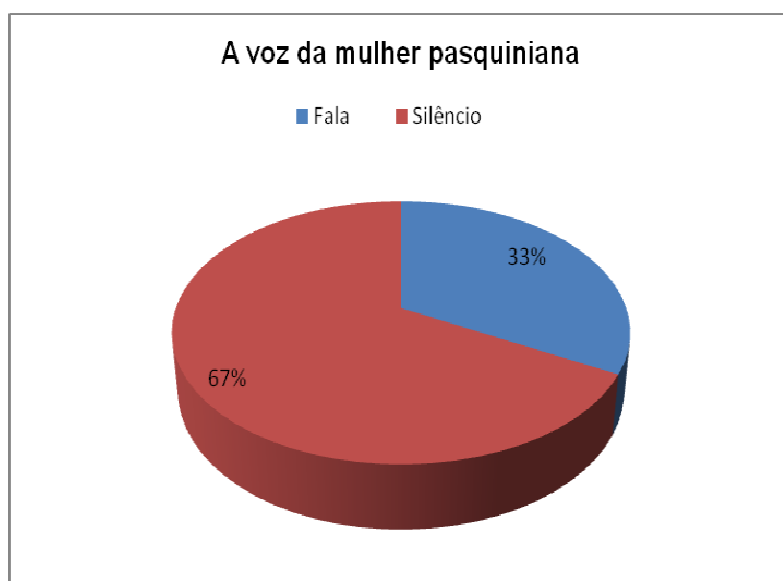
Fonte: *Corpus da pesquisa*. (70.04.001).

5.7 Com a palavra, a mulher do Pasquim

Durante o levantamento do *corpus* de imagens que seria usado para análise de conteúdo desta pesquisa, ainda na realização do estudo piloto, notou-se que a mulher das HQs falava pouco. Em geral elas apresentavam pequeno destaque nos diálogos, e na maioria das vezes os discursos encontrados eram monólogos estritamente masculinos.

Em virtude desta observação entendeu-se a importância de se analisar este discurso feminino. Primeiramente esse discurso foi quantificado através da variável Fala, incluída na tabela juntamente com as demais variáveis, e tratada igualmente. O resultado deste levantamento quanto a incidência de falas femininas pode ser visto no gráfico abaixo (gráfico 9).

Gráfico 9 - A voz da mulher pasquiniana



Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando o total de imagens analisadas, e que em todas a figura feminina estava presente, percebe-se que a mulher do Pasquim realmente falou pouco. Acredita-se que o principal motivo dessa pouca voz é o fato da mulher ser, em grande parte das HQs, personagem secundário. Ou seja, permanecer à sombra masculina, tendo papel coadjuvante nas cenas, muito mais corpóreo que propriamente intelectual.

Após a quantificação da fala feminina surgiu a curiosidade de saber o que constituía este discurso. Para tornar isso possível outra tabela (Excel) foi desenvolvida, e nela inserida toda e qualquer palavra pronunciada nas HQs pertencentes ao *corpus* do estudo.

A metodologia utilizada na construção da tabela de falas femininas foi semelhante à usada na tabela com as variáveis identificadas. Simplificando, cada imagem possui um código (o mesmo adotado no início do estudo), cada código corresponde a uma linha (131linhas, mesmo número de HQs onde a mulher se pronunciou – falou algo) e cada fala corresponde a uma coluna (o máximo de falas femininas encontradas em uma mesma HQs foi seis).

Devido ao fato das HQs, em sua maioria, se desenvolverem em ambientes domésticos, e retratarem casais, muitas das falas femininas estavam relacionadas a problemas conjugais. Frases como: “Você não me ama mais! Não me agrada. Nunca me faz carinho. Nunca, nunca”, “Estou fazendo greve de sexo há 61 dias e até agora o meu marido não notou!”, expressam a insatisfação feminina com relação ao marido, e levam a esta frase “Desta vez você foi longe demais, Euzébio! Quero o divórcio!”.

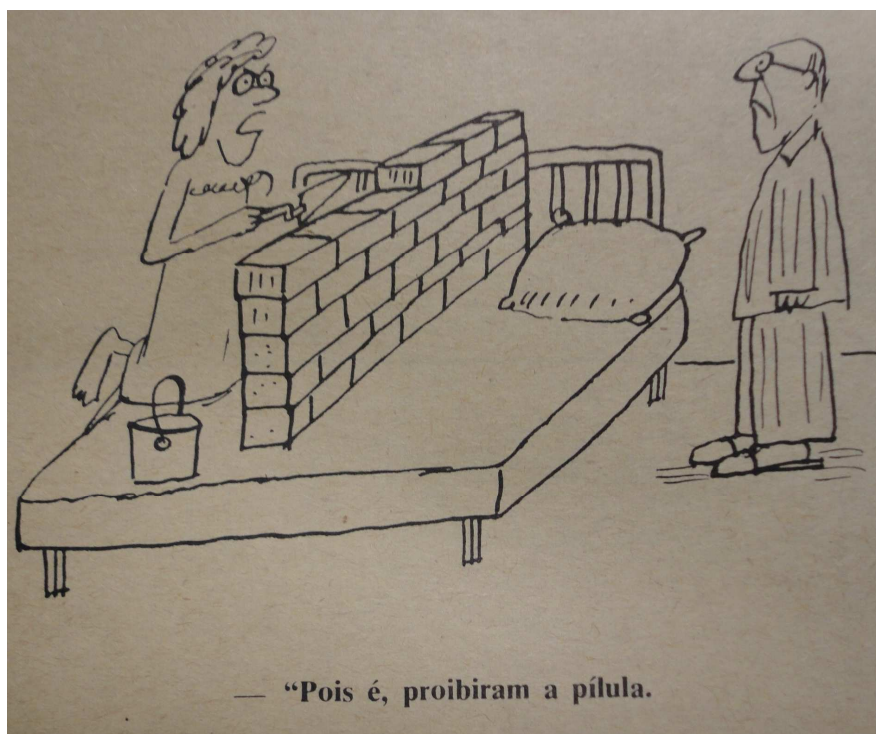
Criada na década de 1950 e comercializada no Brasil em meados de 1960, a pílula anticoncepcional foi um marco na vida das mulheres. Segundo a historiadora Joana Maria Pedro (2003) a divulgação da pílula, assim como de outros métodos contraceptivos modernos, fez parte de políticas internacionais voltadas para a redução da população em países da América Latina. Após a Revolução Cubana de 1959, a política norte-americana temia um crescimento populacional nos países latinos, vendo-os como “um continente explosivo, um campo fértil para a agitação comunista”. (2003, p. 242).

Pedro (2003) afirma que inicialmente a pílula não foi bem aceita pelo movimento feminista nacional, pois acreditavam ser uma forma do homem obter controle sobre o corpo da mulher. Mas independente da má recepção inicial que o movimento concedeu ao método, de acordo com Barbosa (1989) as mulheres de camadas médias da sociedade aderiram ao consumo da pílula, o que representou um crescimento acelerado no mercado de consumo.

Essa breve explanação acerca da pílula e sua recepção em solo brasileiro, foi feita a fim de permitir uma melhor leitura da HQs que se mostra abaixo (figura 17), na qual em virtude da proibição da pílula, a mulher constrói um muro sobre a cama

para impedir a relação sexual com o companheiro. Essa HQs faz parte da pasta de imagens referente ao ano de 1989.

Figura 17 – Fala



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (89.05.014).

A pílula foi mesmo um marco na história feminina, pois a mulher passou a ter controle sobre a maternidade através do planejamento familiar. O sexo deixa de ser sinônimo de gravidez, e a mulher tem autonomia sobre ele. Segundo Barbosa (1989) o índice de gravidez indesejada diminuiu consideravelmente no país desde a introdução do método no mercado. Isso ocasionou a queda de outro índice também: a média de filhos gerados por mulher, que em 1950 era igual a 6,2 e nos anos 2000 caiu para 2,3⁶. Após o censo nacional de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi constatada uma queda de 21,9%, em relação ao índice dos anos 2000, resultando na média atual de 1,8 filhos por mulher⁷.

⁶ Fonte: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Fecundidade, natalidade e fecundidade**. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/fecundidade.html>> Acesso em: 30 out. 2011.

⁷ Fonte: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em:< http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares_amostra/default_resultados_preliminares_amostra.shtm> Acesso em: 18 nov. 2011.

Sexualidade, homossexualidade, casamento, política e violência foram alguns dos assuntos encontrados no discurso feminino das HQs. Porém este discurso foi analisado superficialmente, não foi aplicada técnica específica de análise à amostra referente às falas femininas. O exposto aqui é apenas fruto de simples observação subjetiva. Por não ser o foco desta pesquisa, uma vez que não faz parte dos objetivos, e o procurado são estereótipos femininos (embasados em análise visual), acredita-se mais sensato a realização do estudo, relacionado ao conteúdo do discurso feminino das HQs do Pasquim, em outro momento.

5.8 Encontrada a mulher do Pasquim

Após a exposição de tantos resultados oriundos de gráficos coloridos, tem-se a notícia tão esperada: a mulher do Pasquim foi encontrada. E não é apenas uma, são várias!

A última tabela elaborada consistiu na descrição de todas as mulheres encontradas no *corpus* da pesquisa, seguindo a mesma técnica de observação de imagens utilizada em todo o estudo. As muitas representações femininas encontradas no Pasquim são, em ordem decrescente de ocorrência: boazuda, esposa, vovó, senhora, secretária, empregada doméstica, professora, travesti e freira.

Este estudo partiu da premissa que as HQs, em geral, apresentam uma representação estereotipada das mulheres. Segundo Bardin (1977) um estereótipo é a ideia que temos de algo, uma imagem, uma representação, que surge de forma espontânea. Bardin explica que nossa estrutura cognitiva é influenciada por diversos fatores, como experiências pessoais, meio sócio-cultural e, inclusive, pelas comunicações de massa. Esses fatores mergulham em raízes emocionais e afetivas do sujeito, e uma vez que associados à pré-conceitos justificam a formação dos estereótipos.

Dentre as representações femininas observadas nas HQs, três tiveram mais destaque. Abaixo, no gráfico 10 estas mulheres são mostradas.

Gráfico 10 - Estereótipos



Fonte: Dados da pesquisa.

Assim como em tantas outras HQs, as do Pasquim não escaparam do famigerado estereótipo da mulher boazuda, logo não foi surpresa alguma encontrá-la em destaque. Em seguida têm-se a mulher do lar, a esposa. E por fim a surpresa, a inopinada vovó, que também se destacou nas HQs.

5.8.1 A boazuda

Em primeiro lugar, a mulher que preponderou no Pasquim foi sem dúvida alguma, a boazuda. A boa, gostosa, sensual, atraente, etc. Essa mulher é morena, tem os cabelos longos e negros, usa vestido, anda de salto alto e, na maioria das vezes, apresenta-se maquiada - assim como na figura 18. Ela povoa o imaginário masculino nas HQs pasquinianas, usa decotes provocantes e por vezes aparece desnuda. É a típica mulher objeto, muita beleza e pouco conteúdo.

Nas HQs ela foi prostituta, amante, secretária, mulher assediada, mulher desejada, mulher sedutora e por fim a esposa infiel. Os cenários mais habitados por elas foram: ruas, bares, quartos, salas de estar, praias e escritórios.

Com incidência menor, a mulher boazuda também apareceu na versão loira (ver figura 19). A boazuda também se mostrou com cabelos curtos, em menor frequência, respeitando as demais características físicas.

Figura 18 - A boazuda morena



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (84.05.042).

Figura 19 - A boazuda loira



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (84.05.043).

5.8.2 A esposa

Em segundo lugar, tem-se em destaque a esposa, a mulher do lar, companheira e mãe. A esposa é feia, gorda, tem os cabelos negros curtos (poucas vezes loiro, ou longo), usa vestido (porém sem decote, e comprido), usa salto (porém mais baixo que a boazuda) e raramente aparece maquiada. Os cenários em que ela se destaca são o quarto do casal, sala de jantar, sala de estar e rua.

As principais curiosidades descobertas acerca desse estereótipo foram, primeiramente que a mulher casada não é bela, atraente ou sedutora, exceto quando a mesma é infiel ao marido, daí sua aparência se encaixa perfeitamente com a da boazuda. Nestas narrativas o comum é ver a mulher infiel sendo surpreendida pelo marido, quando em companhia do amante, aí entram os clichês: o amante pula pela janela ou se esconde dentro do guarda-roupa. Em segundo lugar, quando retratada a mulher humilde (ver figura 20), especialmente a rural, esta sempre aparece junto ao marido e rodeada de filhos, além do que carrega na barriga, indicando que a taxa de natalidade é maior entre as mulheres de classe humilde.

Figura 20 - A esposa humilde



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (70.04.012).

Ao se observar o discurso da mulher casada, o que se vê é uma mulher triste e frustrada, que vive num casamento infeliz ao lado do marido que não lhe dá carinho, atenção ou respeito. Em algumas falas ela reclama que o marido não demonstra interesse sexual, chegando a afirmar que seu casamento é uma farsa. O alcoolismo, por parte do marido, também foi citado. Abaixo na figura 21, a mulher reclama da chatice do marido.

Figura 21 - A esposa frustrada



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (84.05.076).

O que mais causou espanto, referente a este estereótipo, foi a observação de atos violentos por parte do marido em algumas HQs. Em uma, por exemplo, a esposa é agredida a pontapés pelo marido, que ainda afirma estar fazendo aquilo para o bem dela (ver figura 22). Outras formas de agressão masculina também foram observadas, como açoitar a mulher com chicotes e atear fogo em seus cabelos com uma tocha. Absurdamente espantoso para um jornal que se dizia vanguarda.

Nenhuma revolução feminina, ou conquista de direitos, como o voto em 1932, é capaz de suprimir o mal que milhares de mulheres sofrem até hoje - a violência doméstica. Apenas em 2006, com a criação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340), mecanismos foram disponibilizados para coibir atitudes violentas contra as mulheres. De acordo com a lei configura-se violência doméstica condutas que causem violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, desde que ocorridas no

âmbito da unidade doméstica, familiar ou em qualquer relação íntima de afeto. (BRASIL, 2006, documento eletrônico).

Mesmo após décadas do surgimento do movimento feminista no país, e as conquistas alcançadas, como a independência financeira, ainda persiste nas relações familiares a submissão da mulher perante o homem, com punições de cunho físico, moral e psicológico, quando esta não corresponde ao comportamento por ele imposto.

Figura 22 - A esposa agredida



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (69.05.080).

5.8.3 A vovó

O estereótipo vovó teve uma representatividade considerável, ultrapassando a incidência de outros. A leitura feita deste estereótipo é a clássica representação da vovozinha: uma senhora de óculos, com vestido comprido sem estampas, de salto baixo, usando pouco ou nenhum adereço, e o cabelo preso em forma de coque.

A personagem aparenta tranquilidade pelo modo que se comporta nas HQs, como na figura abaixo (figura 23), na qual aparece serena sentada em uma cadeira.

Figura 23 - A vovó



Fonte: *Corpus* da pesquisa. (70.04.008).

A vovó do Pasquim é bem calada, não expressou quase nenhuma opinião nas poucas falas observadas, não sendo necessário que se faça apontamentos quanto ao seu discurso. Fato curioso nesta imagem é a presença exagerada de dedos na mão da vovó, o motivo para tal não foi encontrado. O que estaria sugerindo “ter muitos dedos”?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pasquim nasceu num período conturbado na cena política nacional, após o golpe de 64, quando a liberdade passou a ter um diferente significado. Os militares governaram o país de forma autoritária por mais de duas décadas, suprimindo direitos constitucionais e fazendo da democracia uma utopia distante.

A vozes foram caladas. As artes silenciadas. Músicas, filmes, imprensa, pessoas, enfim, censurados. A patota, forma como ficou conhecida a equipe de jornalistas formadora do jornal, conseguiu o que muitos tentaram, porém sem sucesso – permanecer ativos dentro da imprensa alternativa.

A imprensa alternativa era contrária a ditadura, não tinha uma postura conivente àquilo que era chamado de governo. Eram jornais que veiculavam ideias, filosofias e crenças distintas às que eram defendidas pelo poder, por isso muitos permaneciam subjugados à censura.

Com a premissa libertária, esquerdista, de dizer o que se pensa, exercer o direito de opinar, surgiu o Pasquim. De início era só uma forma de tirar sarro de tudo e todos, e tiraram. Criticaram costumes, satirizaram governantes e não pararam por aí. A mulher também foi alvo de chacota.

Cada página folheada do periódico era um desfile de estereótipos e clichês. Viu-se a professora de seios fartos e saia justa, a secretária boazuda e corpos torneados dourados em desfile na praia, tudo para o deleite masculino. Dentre todas as mulheres encontradas através da análise das HQs, três tiveram mais destaque: a boazuda, a esposa e a vovó.

Nem é necessário dizer que não foi surpresa alguma ver a prevalência da mulher boazuda frente às outras, pois foi assim no passado e é assim hoje. O corpo feminino vagueia pelos meios de comunicação, revistas, jornais, *out-doors*, programas de televisão. Corpos delineados de acordo com padrões atuais de beleza, expostos para serem vistos. A publicidade se arvora do direito sobre o corpo feminino e o exhibe sem qualquer pudor. Este não é um discurso puritano, de forma nenhuma. Apenas uma espécie de desabafo, de uma mulher, diante do descrédito feminino, uma centelha de revolta diante da sociedade que prima mais pelos atributos físicos que intelectuais.

Porém a nudez ou o destaque dado ao corpo feminino não foi nem de longe o mais estarrecedor neste estudo, posto que era esperado. O que não se esperava

encontrar era uma representação tão depreciativa da figura feminina, que ficou mais evidente no estereótipo esposa. Ultrajes, violência, humilhação foram apenas algumas das ações sofridas pela mulher casada. Essa mulher foi retratada como se fosse um estorvo na vida do homem, já que ele não a ama, deseja ou respeita.

O jornal que se intitulava libertário foi extremamente discricionário na representação que fez da mulher. Inclusive nos fragmentos analisados no discurso feminino, onde fica evidente que ela é dotada de pouca ou nenhuma inteligência, nas raras vezes que se expressou.

Entende-se que as representações femininas encontradas são fruto da predominância masculina na redação do jornal. Mas não somente o fato de serem homens os condicionou a fazer uma imagem tão deturpada da mulher, senão fariase aqui uma generalização injusta para com o gênero. A figura da mulher gostosa e burra ou da esposa feia e desinteressante é consequência de homens sim, porém retrógrados, de mentes machistas e preconceituosas.

Durante sua trajetória a mulher superou barreiras, adquiriu direitos para chegar onde está. Tem controle do próprio corpo desde a pílula, obteve sua independência financeira desde que saiu de casa pra trabalhar, opina no futuro do país desde adquirido o direito ao voto. Muda um pouco a cada dia a história, que agora conta a eleição da primeira mulher presidente no Brasil.

Nem tudo são flores na busca pela plena igualdade de gêneros, apesar de inúmeras mudanças positivas, a mulher ainda tem pelo que lutar. A equiparação de salários diante do mesmo labor seria uma bela conquista. Todos os exemplos de superação vêm contrastar com a seguinte conclusão: nas HQs do Pasquim, a mulher ainda é o segundo sexo.

Por fim, sugere-se a elaboração de um estudo mais aprofundado relacionado ao discurso feminino do Pasquim, uma vez que as falas femininas extraídas das HQs foram analisadas apenas superficialmente neste trabalho. Porém, mesmo superficial, esta análise foi o suficiente para apresentar indícios do conteúdo deste discurso e fragmentos da personalidade das mulheres pasquinianas. Logo, acredita-se que uma análise minuciosa destas falas forneceria respostas concretas quanto ao que realmente pensam essas mulheres, bem como aquilo que motiva suas atitudes e comportamentos.

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis : Vozes, 1975. 178 p. : il.
- BARBOSA, Regina Maria. **Mulher e contracepção: entre o técnico e o político**. 1989. 233 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Social) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1989.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, c1977. 226 p. : il.
- BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: _____. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRAGA, Jose Luiz. **O Pasquim e os anos 70 : mais pra epa que pra oba**. Brasília : Ed. Unb, 1991. 255 p.
- BRASIL : nunca mais. 8. ed. Petrópolis : Vozes, c1985. 312 p.
- BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm> Acesso em: 18 nov. 2011.
- CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo : Ática, 1975. 239 p. : il.
- CARVALHO JÚNIOR, Dario de Barros. **A Morte do Herói - Introdução ao estudo de sobrevivência de modelos míticos nas Histórias em Quadrinhos**. 2002.100f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.
- CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001. 154 p. : il. ; 28 cm.
- FLICK, Uwe. **Uma Introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre : Bookman, 2004. 312 p. : il.
- FREITAS, Marcel de Almeida. Entre estereótipos, transgressões e lugares comuns: notas sobre a pornochanchada no cinema brasileiro. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 10, p. 1-26, jan./jun. 2004.
- GAIARSA, José. “Desde a Pré-História até McLuhan”. In: MOYA, A. **Shazam**. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 115-120.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008. 200 p. : il.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 8. ed. Campinas : Papirus, 2005. 152 p. : il.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa : análise de conteúdo**. Rio de Janeiro : Eldorado, 1973. 182 p. : il.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2004.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo : Brasiliense, 1985. 88 p. : il.

MACHADO, Graciene de Ávila. **1968 : ideologia e contestação através das tiras da Mafalda**. 2009. 70 f. : il.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita : história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo : Ática, 2002.

McLUHAN, Herbert Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 16. ed. São Paulo, SP : Cultrix, 2009. 407 p.

MECLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MELO, José Marques de. Aparecimento e difusão da imprensa na Europa. In: _____. **História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil**. Porto Alegre. Edipucrs, 2003. p. 31-58.

MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. Fragmentos do discurso quadrinizado: uma leitura crítica da personagem *Mônica*. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.9, n.2, p. 455-464, 1999.

MOYA, Alvaro de. **História da história em quadrinhos**. 2.ed. São Paulo : Brasiliense, 1993c1986. 212 p. : il.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 239-260, 2003.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004.

_____. O Pasquim: embates entre a cultura política autoritária e a contracultura. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, Ouro Preto, v. 6, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria> Acesso em: 24 out. 2011.

REGO, Norma Pereira. **Pasquim: gargalhantes pelejas**. Rio de Janeiro : Relume Dumara, : Rio Arte, 1996. 127 p. : il.

SCHULZ, Rosangela Marione. **"Quem se comunica se trumbica" : o discurso do Pasquim no período Médici (1969-1974)**. 1996. 191 f. : il.

SIGNORINI, Márcia Maria. Hq e indústria gráfica. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe (Org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. 2. ed. São Paulo : Paulinas, 1985, p. 18-26.

SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos para quadrados**. Porto Alegre : Bels, 1976. 121 p. : il.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STEINBERG, S. H. **500 años de imprenta**. Barcelona: Zeus, 1963.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto : a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**. Rio de Janeiro, RJ : Funda o Casa de Rui Barbosa, 2001. 63 p. : il.

WOLK, Douglas. **Reading Comics: how graphic novels work and what they mean**. Philadelphia : Da Capo Press, 2007.

APÊNDICE A – Tabela em cores

A tabela em cores, composta de fatores e categorias, desenvolvida para este estudo, está gravada em formato eletrônico, disponibilizada em CD. Constituindo o material adicional deste trabalho.

APÊNDICE B – *Corpus* do estudo

O *corpus* deste estudo, composto de 394 fotografias das HQs do Pasquim, está gravado em formato eletrônico, disponibilizado em CD. Constituindo o material adicional deste trabalho.